

TSIOTE

Edição 16 - 19/12/25

O FIM DO ESTIGMA

Os avanços da medicina, o aumento da longevidade feminina e o impacto econômico das mulheres na sociedade reduzem a conotação negativa da menopausa, que começa a ser vista como o início de um novo ciclo de vida



Capa

Página
19



CRIS SANTORO

Silvia Ruiz, do podcast MenoTalks: não há terapia de reposição hormonal no SUS

Índice

CAPA: FOTO DE ANASTASIA LEONOVA/UNSPLASH

3 ENTREVISTA



ETTORE CHIAREGGI/AGIF

Má gestão da Enel elevou críticas em São Paulo

15 INTERNACIONAL

19 SAÚDE

25 CIÊNCIA

27 GENTE

28 ESPORTE

29 ESTILO DE VIDA

31 ENTRETENIMENTO

40 MEMÓRIA

41 O MELHOR DAS REDES

42 PALAVRA POR PALAVRA



REPRODUÇÃO LINKEDIN

Jensen Huang, da Nvidia: arquiteto da IA



WALTER FIRMO

Emicida homenageia Racionais MCs em álbum

Expediente

ISTOÉ
publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL

Daniel Hessel Teich

ISTOÉ

EDITORA EXECUTIVA

Lena Castellón

DIRETOR DE ARTE

Alexandre Akermann

DESIGNER

Mayara Novais

www.istoe.com.br

Instagram

@revistaistoe

YouTube

[m.youtube.com/@revistaISTOE](https://www.youtube.com/@revistaISTOE)

X

@revistaISTOE

TikTok

@revistaistoe

LinkedIn

<https://linkedin.com/company/istoe/>

Redação e correspondência

Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi, São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ - A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos.

A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)



“O Brasil tem a chance de virar exemplo mundial de produção aliada com conservação. E transformar isso em mercado”

Tesouro nacional

A advogada Andreia Bonzo, da Coalizão Brasil, Clima, Florestas e Agricultura, afirma que o agro brasileiro que está em cumprimento com a legislação conserva muito mais do que a maioria dos países

A proteção das florestas e a transformação dos sistemas produtivos rurais são decisivos para o Brasil cumprir suas metas climáticas. No país, mais de 70% das emissões de gases de efeito estufa vêm do uso da terra, o que inclui o setor agropecuário. Em 2025 – ano que marca uma década da aprovação do Acordo de Paris e dez anos de existência da Coalizão Brasil, Clima, Florestas e Agricultura (movimento mul-

tisectorial para construir uma economia verde e de baixo carbono) –, o país apresentou novas NDCs (Contribuições Nacionalmente Determinadas, ou seja, planos e metas climáticas), recebeu a COP30, em Belém, e se prepara para implementar o Plano Clima. Andreia Bonzo, advogada e colíder do Grupo de Trabalho Clima da Coalizão, analisa os desafios e oportunidades dessa agenda.

Jennifer Ann Thomas

Como se dividem as emissões de gases de efeito estufa relacionadas ao uso da terra no Brasil?

Quando colocamos na conta todo o uso do solo, chegamos a 70%. Numa quebra de números, conseguimos identificar que 46,2% correspondem ao uso do solo em florestas e 27,5% vêm do agro, segundo dados do SEEG [Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa, plataforma independente que monitora as emissões no Brasil]. Essa diferenciação é importante porque o agro tem um papel muito relevante na nossa economia. Saber distinguir e apresentar os dados de forma metodologicamente correta é fundamental para o Plano Clima e para a elaboração das Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs), que são revisadas a cada cinco anos no âmbito do Acordo de Paris.

Faz diferença, para essa conta, se o desmatamento é legal ou ilegal?

Embora o desmatamento legal e ilegal não mudem a conta total de emissões, é importante ter em mente que uma grande parte do agro brasileiro consegue fazer uso do solo de forma legal, com o objetivo de que a conversão legal diminua gradativamente até 2030.

O que é Plano Clima e como a Coalizão contribuiu para o debate?

O Plano Clima surge como uma continuidade do esforço nacional em trazer a política pública climática para a prática. Temos a Convenção-Quadro de Mudanças Climáticas, o Acordo de Paris de 2015, e as NDCs, que expressam a ambição do país. Há muito tempo já temos a Política Nacional de Mudanças Climáticas, que chamamos de regra programática — tinha linhas gerais, mas não necessariamente ações e metas específicas. Agora, o Plano Clima traz uma ambição de aterrissagem dos números que foram mostrados na COP, via plano geral com estratégias estruturantes e transversais, combinadas com planos setoriais, que são muitos, de mitigação e adaptação. É importante trazer uma questão conceitual. A adaptação visa adequar aquilo que o clima já promoveu de alteração nos modos de vida; a mitigação visa diminuir as emissões para frear o aquecimento.

Qual foi o foco das recomendações da Coalizão?

Discutimos e fizemos recomendações, via consulta pública, especialmente destinadas ao plano setorial do agro e ao plano setorial de conservação. Reunimos especialistas de várias entidades para debater tecnicamente o que precisava melhorar. O objetivo foi nos distanciar de uma interpretação maniqueísta de que agro é ruim e conservação é boa, trazendo para o chão quais são os desafios e, sobretudo, as oportunidades. O Brasil tem a chance de virar exemplo mundial de produção aliada com conservação. E transformar isso em mercado.

O agro brasileiro já tem práticas de conservação estabelecidas?

O agro brasileiro que está em cumprimento com a legislação já conserva muito mais do que a maioria dos países. Por obrigação legal, temos 20% de reserva como regra geral, mas há percentuais de 35% no Cerrado, 50% e até 80% de conservação em algumas áreas da Amazônia Legal, além das limitações específicas como na Mata Atlântica. Isso faz com que o agro seja um tesouro nacional, quando todas as regras são implementadas.

Quais foram as principais sugestões apresentadas pela Coalizão?

A primeira questão é metodológica. A contabilização das remoções e emissões do agro ainda não tem total correspondência com a forma como são lançadas no inventário de emissões. Há uma camada a mais de desafio que é o método Blues, que o governo desenvolveu para ajudar nos planos setoriais, mas que não conversa com o inventário. Precisamos que essa metodologia seja equalizada e, ao máximo possível, unificada para termos um diagnóstico adequado. Por exemplo: os 70% relacionados a emissões de conversão de uso do solo não são, necessariamente, ligados ao agro em sua totalidade [a conversão se refere a uma área de floresta que foi convertida em pastagem, o que pode ser feito de maneira legal]. A segunda sugestão é contabilizar adequadamente as remoções das áreas de preservação permanente e reservas



legais. A terceira é diferenciar a classificação fundiária: separar o uso privado do uso coletivo de assentamentos e quilombolas, que não obedecem ao mesmo rito jurídico. O uso coletivo das populações indígenas ficou no plano de conservação, junto com as unidades de conservação sob gestão pública.

Quais são as principais fontes de emissão dentro da atividade agropecuária?

Temos vários tipos de emissão. Como todas as atividades humanas, a gente gera algum tipo de impacto. Há o impacto da fermentação entérica do gado, o chamado arroto do boi. Há a conversão do uso do solo, quando uma área de floresta é convertida em pastagem, seja de forma legal ou ilegal. Há também impactos da irrigação e do uso de combustíveis fósseis na produção.

Como mitigar essas emissões?

Algumas podem ser mitigadas com sistemas agroflorestais, culturas diversificadas, integração lavoura-pecuária-floresta e tecnologia para melhorar a eficiência. A tecnologia pode mudar o jogo para fazer com que a escala de produção assegure a segurança alimentar, ao mesmo tempo em que diminui o percentual de conversão do uso do solo e recupera pastagens degradadas.

Por que a questão fundiária é tão importante nesse debate?

A questão fundiária brasileira é a base para colocarmos os pingos nos is, incentivar quem precisa de incentivo, encaminhar quem precisa de encaminhamento, assistir quem precisa de assistência. A Coalizão tem um grupo de trabalho fundiário que discute justamente isso. E aqui a gente está falando de pessoas. Precisamos olhar para as pessoas na floresta, no campo ou na cidade. Num ambiente em que você não tem alternativa de atividade e a atividade ilegal se apresenta, você precisa alimentar a sua família. Esse encadeamento precisa ser olhado ponto a ponto.

Como a rastreabilidade se conecta com a questão fundiária?

A rastreabilidade na pecuária gera um registro de todo mundo que passou por aquela cadeia produtiva. Se não sabemos quem é o dono da terra, como implementar um mercado de carbono? Temos um território com muitos problemas de titulação. A segurança jurídica é fundamental.

E como entra a questão da ilegalidade?

Existe um ecossistema de atividades ilícitas na Amazônia — o desmatamento ilegal está conectado a isso. A emissão de uma área que foi grilada ilegalmente, com corte raso de madeira, é significativa. Depois, pode haver ocupação de uma atividade agropecuária que, às vezes, nem sabe que aqui-

lo foi oriundo de uma atividade ilegal anterior. A regularização ambiental, prevista no Código Florestal, visa que a pessoa no campo se adeque à legislação e, a partir disso, tenha possibilidade de acessar créditos e assistência técnica.

Quais avanços a Coalizão conquistou nos últimos dez anos?

Conseguimos avançar muito no marco da rastreabilidade na pecuária, que é fundamental. Houve progressos na discussão sobre assistência técnica rural e avançamos na agenda de restauração e silvicultura de nativas. E o Código Florestal de 2012, nossa base, veio com a proposta de regularizar a situação histórica de ocupação e informalidade para termos tudo mapeado e alinhado. Os dados são muito importantes. Eles são decisivos para entendermos onde estávamos, onde estamos, para onde vamos e aonde chegaremos.

Como as mudanças climáticas se conectam a temas de segurança?

Existem diversos tipos de segurança que se retroalimentam. Há a segurança pública, conectada com a física e com a estrutura de comando e controle do poder público. Há a alimentar, que significa ter capacidade de oferecer alimentos de qualidade e suficientes para as pessoas. E há a climática, relacionada aos efeitos do aumento da temperatura. Um dos riscos com a mudança do clima é o aumento de ondas migratórias. Se tivermos uma migração que vem de outro país para cá, pode haver saturação de empregos em lugares que já não têm emprego, agravando situações de ilegalidade e criminalidade. É tudo um ciclo. Quando falamos de segurança, precisamos falar do tripé da sustentabilidade: o social, o econômico e o ambiental. Se conseguirmos juntar isso, olhando para essas dimensões, começamos a endereçar e mitigar a insegurança gerada por esses desbalanços.

A ilegalidade representa uma parcela significativa do setor?

Se olharmos o número de entidades, a minoria promove atividades ilegais. Como advogada na área privada, sei quantos clientes sofrem para se manterem em cumprimento com a legislação. Muitos acabam prejudicados



porque existe uma parte sobre a qual não há controle e que traz uma narrativa distorcida. A ilegalidade existe, mas, como país, precisamos entender essas diferenças. Talvez estejamos fechando os olhos para nossas maiores potencialidades, que estão justamente na ligação intrínseca entre conservação e produção. Se conseguirmos tornar competitivo todo o nosso potencial de atividades lícitas, de forma sustentável, gerando mercado em conservação, podemos estar falando de uma transformação e de um combate à ilegalidade.

Quais caminhos a Coalizão enxerga para desenvolver esse potencial?

A implementação efetiva do Código Florestal é um deles. Precisamos que cumpram os percentuais de reserva legal e aprendam a gerar renda em cima de áreas conservadas. A questão é: como conectar as pessoas no campo com esses recursos e instrumentos.

Como gerar renda com conservação?

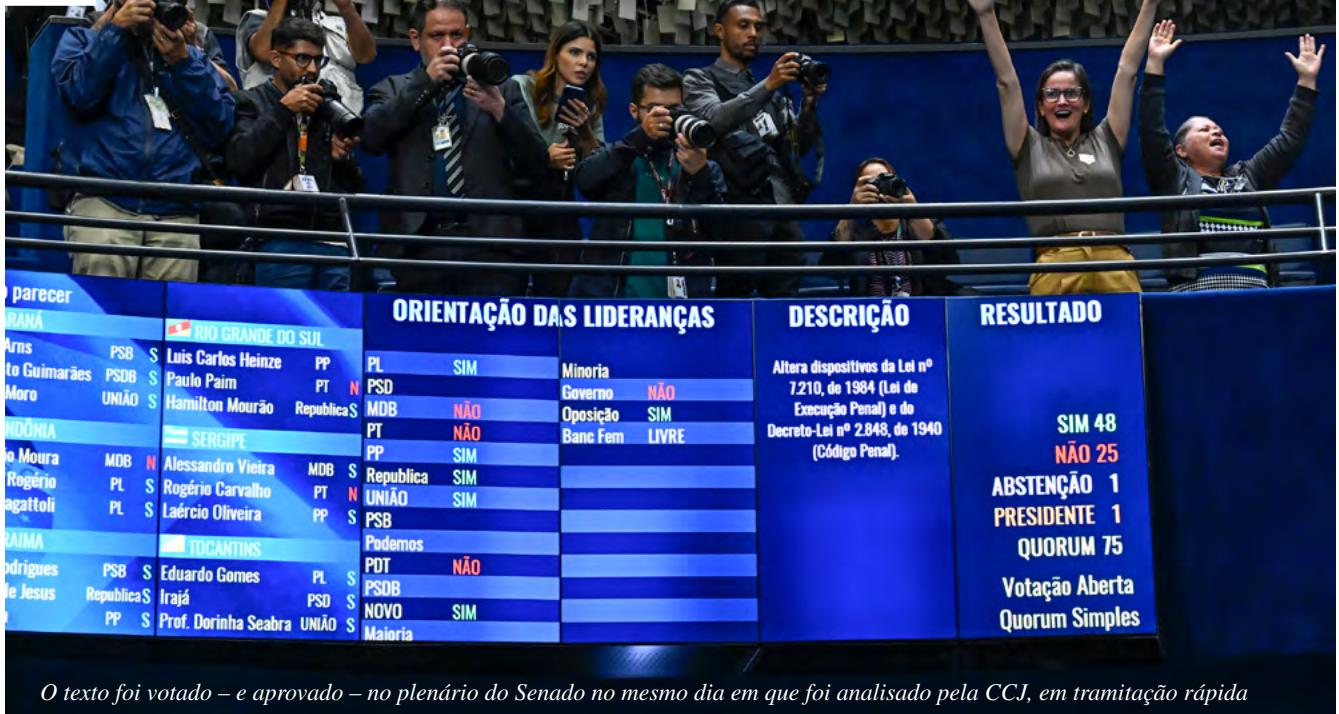
O pagamento por serviços ambientais, combinado com outros instrumentos, pode trazer renda. Na mesma área, você pode ter um sistema agroflorestal que gera crédito de carbono enquanto mantém a produção. Na reserva legal ou numa área conservada de conexão, você aumenta os efeitos daquela conservação e pode gerar créditos de diversos tipos para complementar a renda.

Qual o papel das finanças verdes nesse contexto?

Temos uma linha que discute finanças verdes, como os bancos podem puxar essa cadeia positiva, definir métricas, taxonomia e reportar resultados. O Plano Safra e o Plano ABC oferecem recursos de crédito para esse agro sustentável. A restauração de áreas degradadas e a silvicultura de nativas também são fundamentais para definirmos como explorar recursos florestais de forma sustentável, assegurando os serviços ecosistêmicos que essas espécies prestam para a localidade.

Como superar a polarização entre o agro e o meio ambiente?

Precisamos trazer a agenda do agro sustentável e da conservação como grandes oportunidades e vocação do país. A atividade rural pode ser base para a conservação e vice-versa, elas se suportam. Se você tem uma área degradada, vai ter prejuízo no cultivo. Precisamos evitar a armadilha da narrativa maniqueísta de bem contra o mal. Na verdade, estamos todos juntos e precisamos trabalhar para colocar os instrumentos que temos em prática. O Brasil é um país continental e diverso em recursos naturais e culturais. Essa riqueza é um tesouro nacional que precisa ser aproveitado com a devida implementação da legislação ambiental. Já avançamos muito e sou muito otimista de que esse é um futuro próximo. 



O texto foi votado – e aprovado – no plenário do Senado no mesmo dia em que foi analisado pela CCJ, em tramitação rápida

WALDEMAR BARRETO

Reviravolta em Brasília

Aprovação do PL da Dosimetria no Senado a toque de caixa envolve líder do governo; Lula já declarou que vetará o texto

Os humores do Senado em relação ao chamado PL da Dosimetria, que reduz penas dos condenados pelos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023, entre eles o ex-presidente Jair Bolsonaro, mudaram drasticamente de um dia para o outro. Ao menos foi a impressão que se teve com os rumos das conversas que circularam em Brasília na véspera e no próprio dia em que a proposta foi aprovada, já na noite da quarta-feira, 17. Havia movimentações para que o projeto fosse levado ao plenário somente em 2026. Mas o fato é que ele teve tramitação a toque de caixa e o resultado ficou em 48 votos a favor, 25 contrários e uma abstenção.

Agora, o PL seguirá para sanção do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que já anunciou que vetará o texto. “Com todo o respeito que tenho ao Congresso Nacional, na hora que chegar à minha mesa, eu vetarei. Isso não é segredo para ninguém, ao chegar à minha mesa, eu vetarei”, declarou durante coletiva de imprensa no Palácio

do Planalto. Caso isso ocorra, caberá ao Congresso decidir se mantém ou derruba o veto presidencial.

Na Câmara dos Deputados o PL, relatado pelo deputado Paulinho da Força (Solidariedade), foi aprovado na madrugada do dia 10 – por 291 votos favoráveis versus 148 contra e uma abstenção, fazendo com que a oposição ao governo comemorasse o placar ruidosamente. O texto visava alterar a forma de cálculo das penas quando os crimes de tentativa de abolição do Estado Democrático de Direito e de golpe de Estado são praticados no mesmo contexto, determinando que se aplique apenas a pena mais grave, em vez da soma de ambas.

Preso em uma sala da Superintendência da Polícia Federal, Bolsonaro foi condenado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) a 27 anos e três meses de detenção. Sua pena cairia drasticamente. Mas especialistas alertaram que, da maneira como o PL foi redigido, o projeto beneficiaria não apenas os envolvi-

dos com a trama golpista como também os crimes comuns não violentos.

Antes de chegar ao Senado, o PL da Dosimetria virou alvo de manifestações populares nas capitais do país, como Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, no domingo, 14. Mais uma vez, o cantor Caetano Veloso fez uma convocação para um ato musical e de



O senador Espírito Santo (PP-SC) fez a relatoria do PL

ADRIANO MACHADO/REUTERS



JANAINA QUINETI/REUTERS

protestos na praia de Copacabana. Ele e outros artistas, como Paulinho da Viola e Fernanda Torres, atraíram uma multidão como fez no dia 21 de setembro, quando o objetivo da fúria da população foi o PEC da Blindagem, que buscava ampliar a imunidade dos deputados e senadores, e os pedidos de anistia para os condenados pela trama golpista feitos pelos parlamentares bolsonaristas. Porém, a mobilização do domingo passado, embora intensa, foi inferior à realizada quase três meses atrás.

No Senado, o projeto chegou cercado de resistência. O texto caminhava para um provável fracasso na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), onde foi analisado primeiro. Pesavam contra o PL as brechas que poderiam beneficiar condenados por outros crimes, como corrupção e importunação sexual.

A virada ocorreu quando o relator do projeto no Senado, Esperidião Amin (PP-SC), acatou uma emenda apresentada pelo senador Sérgio Moro (União-PR). A alteração delimitou a redução de penas exclusivamente aos crimes relacionados aos atos golpistas de 8 de janeiro. Amin e Moro classificaram a mudança como uma “emenda de redação”, tese que permitiu que o texto não retornasse à Câmara dos Deputados, apesar de críticas de que houve, na prática, alteração de mérito.

A aprovação do parecer na CCJ só foi possível após um acordo que gerou forte reação entre senadores independentes e governistas. O líder do governo no Senado, Jaques Wagner (PT-BA), admitiu ter articulado um entendimento para que o projeto fosse votado ainda em 2025, sob o argumento de evitar o prolongamento do debate. A liberação da votação teria sido condicionada também ao apoio da oposição a projetos de interesse do governo, como o que amplia a tributação de bets e fintechs.

O senador Renan Calheiros (MDB-AL) afirmou que Wagner sugeriu explicitamente a troca. Otto Alencar (PSD-BA), presidente da CCJ e crítico do PL, chegou a cobrar publicamente apoio de lideranças governistas na rejeição ao texto – parte estava ausente da por causa de uma reunião ministerial.

As acusações se intensificaram quando o senador Alessandro Vieira (MDB-SE) afirmou que o acordo envolveria até o ministro do STF Alexandre de Moraes, o que elevou a temperatura política da sessão. Governistas negaram qualquer articulação desse tipo. Após a aprovação na CCJ, o projeto seguiu para o plenário em regime de urgência e foi aprovado no mesmo dia.

Na quinta-feira, 18, Lula disse que não foi informado de nenhum acordo e afirmou que crimes contra a demo-

cracia precisam ser punidos. Além do voto presidencial já anunciado, o PL da Dosimetria deverá enfrentar reação judicial. Quatro bancadas da Câmara dos Deputados – PT, PSB, PCdoB e PSOL – impetraram mandado de segurança no STF pedindo a suspensão da tramitação do projeto de lei.

Entre os argumentos para o mandado está o de que “uma emenda apresentada e aprovada na CCJ do Senado foi indevidamente classificada como ‘emenda de redação’, quando, na realidade, promove alteração substancial de mérito ao modificar critérios de execução penal e excluir centenas de tipos penais do alcance da norma”, informou o líder do PT, Lindbergh Farias.

O PL da Dosimetria promete virar um embate institucional. O texto deve ser barrado pelo Executivo (Lula tem 15 dias úteis para analisar o texto). Com o voto, o projeto retorna ao Congresso e a decisão presidencial é avaliada, com deputados e senadores definindo se o voto é rejeitado (e aí o PL vira lei) ou mantido, o que levaria ao arquivamento da proposta. Para derrubar o voto, são necessários 257 votos na Câmara e 41 no Senado. É possível ainda que o PL seja judicializado. Nesse caso, ele é encaminhado ao STF e distribuído a um ministro, que fará a relatoria. Depois, o projeto é analisado pela Corte. ■

No escuro

Apagão em São Paulo coloca a Enel na mira dos governos federal, estadual e municipal; rescisão do contrato está em discussão e promete turbulências

Ana Carolina Nunes

Na terça-feira, 16, a companhia italiana Enel se transformou em uma unanimidade. A desastrosa gestão da crise provocada pelo vendaval ocorrido na semana anterior uniu contra a empresa expoentes políticos inconciliáveis em outros temas. Em uma reunião na sede do governo do Estado de São Paulo, o governador Tarécio de Freitas (Republicanos), o prefeito Ricardo Nunes (MDB) e o ministro das Minas e Energia Alexandre Silveira (PSD), decidiram entrar com um pedido

de cancelamento da concessão de distribuição de energia na região metropolitana de São Paulo, o grande negócio da Enel no país. Depois de três apagões de grande porte, milhões de reais em multas e prejuízos bilionários decorrentes da falta de energia para empresas e cidadãos, as três esferas de governo decidiram colocar um ponto final no relacionamento com os italianos.

Essa não foi a primeira vez que a Enel atraiu a fúria dos paulistanos. Apesar de a causa ser distinta, o apagão

que se seguiu a fenômenos climáticos foi similar aos observados em outros episódios registrados nos últimos dois anos. Os meses de novembro e dezembro de 2023 e 2024 foram marcados por abalos na estrutura de fornecimento de eletricidade na capital em decorrência das típicas tempestades dessa época do ano. Não só os paulistas já se viram em apuros por culpa do serviço precário prestado pela empresa. No país, Rio de Janeiro e Goiás já assistiram a um filme parecido. A Enel também viveu crises no Chile e mesmo em sua região de origem, a Itália. Se antecipado o fim contratual (que seria em 2028), esta será a primeira caducidade decretada na história do setor de distribuição de energia. Com isso, a Enel terá direito a uma indenização bilionária.

O apagão em São Paulo aconteceu por causa de um ciclone extratropical. No bairro da Lapa, na zona oeste, a velocidade dos ventos alcançou 98 quilômetros por hora na quarta-feira, 10. É algo inédito nos registros do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet)

São Paulo padeceu com a falta de energia provocada por um ciclone extratropical e pela má gestão de crise da Enel



ETTORE CHIAREGGI/UNI/AP



PAULO GUERRA

O apagão reuniu Ricardo Nunes, o ministro Alexandre Silveira e Tarcísio de Freitas

desde o início das medições, em 1963. No dia seguinte, mais de 1,3 milhão de casas estavam sem energia elétrica na grande São Paulo. O fenômeno levou os setores de comércio e serviços a perderem, no mínimo, R\$ 1,5 bilhão. O levantamento é da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), divulgado pouco depois.

O clima não deve amainar ao longo deste mês, o que desperta mais preocupações sobre o preparo da rede elétrica. A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) determinou nesta semana que as distribuidoras que atuam em São Paulo e Rio de Janeiro reforcem seus planos de contingência para garantir o fornecimento de energia durante os próximos dias, visto que há um alerta do Inmet relacionado a eventos climáticos severos. Os planos das concessionárias devem contemplar tanto a mobilização adicional de equipes treinadas para atuar na recomposição do sistema de distribuição em caso de falhas, como ter procedimentos de interlocução com órgãos públicos – a Defesa Civil e o Corpo de Bombeiros, além de autoridades locais.

A Enel alegou, em nota, que sua área de concessão foi afetada por um ciclone extratropical e um “vendaval

histórico”, e trechos inteiros da rede foram danificados. Em São Paulo, a companhia é responsável pela distribuição de energia para 24 cidades da região metropolitana, incluindo a capital. Depois dos graves problemas vivenciados em decorrência do clima nos últimos dois anos, a empresa fez contratações, conforme prometido, mas o quadro ainda é menor que o de 2019 – ano em que assumiu a operação. De acordo com o balanço do terceiro trimestre de 2025, hoje a companhia conta com 20.185 colaboradores, incluindo os terceirizados. Em 2019, esse número era de 23,8 mil. Ou seja, o quadro atual é 15,31% menor.

Desde os últimos meses de 2023 até agora, a Enel em São Paulo se comprometeu a aumentar suas equipes e melhorar a resiliência das redes elétricas. Além disso, a concessionária anunciou investimentos bilionários prometendo preparar-se para os eventos climáticos extremos mais recorrentes. Em setembro do ano passado, a empresa anunciou que iria ampliar as suas operações de campo com a contratação de cerca de cinco mil novos colaboradores próprios e a incorporação de 1.650 novos veículos à frota até 2026, como forma de reforço estrutural. As ações integram um plano de investimentos de R\$

20 bilhões anunciados pela Enel Brasil em junho de 2024, recursos aplicados nos próximos anos, principalmente para reforçar as operações de suas distribuidoras de energia nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Ceará.

Os dados constam nos balanços de resultados divulgados pela empresa trimestralmente. O CEO da Enel Brasil, Antonio Scala, destacou, na ocasião, o aumento do nível anual de investimentos a serem executados nas concessionárias do grupo. Em São Paulo, o valor investido anualmente passaria de R\$ 1,4 bilhão no período entre 2018-2023 para R\$ 2 bilhões em 2024-2026. Mas enquanto o número de colaboradores terceirizados e próprios entre 2019 e 2025 diminuiu, o número de consumidores faturados (ou seja, as unidades consumidoras) cresceu. Nos últimos seis anos são 782.468 a mais. A Enel levou a cabo no período algumas ações de reestruturação no quadro de pessoal, mas disse que isso não impactou o efetivo de profissionais que atuam diretamente em campo.

O retrato vivido pela população paulistana nos últimos dias, contudo, evidencia que os passos dados em anos recentes não são suficientes para o plano de uma Enel mais preparada diante de eventos climáticos. O vendaval do dia 10 causou danos severos à infraestrutura elétrica em diversas regiões. Com o quadro que tem, para acelerar os reparos, a companhia mobilizou nos primeiros dias cerca de 1.600 equipes. A distribuidora informou que em alguns pontos o trabalho é mais complexo, exigindo a reconstrução completa de trechos da rede, com substituição de postes, transformadores e até a recondução de quilômetros de cabos. Apesar dos esforços, dois dias depois, mais de 600 mil imóveis seguiam sem energia em São Paulo.

A situação gerou um embate entre a empresa e autoridades. O prefeito Ricardo Nunes chegou a dizer em entrevista que a informação dada pela empresa, de que destacou 1.600 equipes para lidar com a crise, é falsa. “Pegamos os dados das placas dos veículos que a Enel diz que tem, colocamos no SmartSampa e essas placas não aparecem circulando em nenhum local da cidade de São Paulo”, afirmou o prefeito. ■

Eleições no radar

Expectativa sobre inflação em 2025 recua, mantendo-se abaixo do teto da meta, mas cautela do BC e pesquisas sobre intenções de voto impulsionam o dólar neste fim de ano

Haddad afirmou que a relação com o mercado financeiro é difícil porque os indicadores não são reconhecidos



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

Mesmo em um ano que caminha para o fim com a inflação abaixo do teto da meta, o cenário eleitoral que se desenha para 2026 e a cautela do Banco Central (BC) relacionada à política monetária causam um efeito negativo para a moeda brasileira neste fim de ano. Aos fatos e cenários.

Em reunião ministerial, na quarta-feira, 17, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, afirmou que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) recebeu do governo anterior um “inferno” no campo fiscal. E observou que a relação com o mercado financeiro é “muito difícil” porque “os indicadores não são reconhecidos”. Para 2026, Haddad vislumbra um cenário também complexo. Afinal, é ano de eleições.

E haverá uma disputa de narrativas. “Manter crescimento, emprego e inflação baixa em meio a uma tensão, às vezes artificialmente construída, na política e na economia, não é para qualquer um”, acrescentou, ao elogiar Lula.

Os indicadores apontam que a inflação deverá fechar 2025 abaixo do teto da meta definida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), que é de 4,5% (o que representa um 1,5 ponto percentual acima do objetivo: 3%). Divulgado na semana passada, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) referente ao mês de novembro avançou 0,18%, percentual inferior ao das projeções. É a menor variação para o mês em sete anos. O índice acumula alta de 3,92% no ano e 4,46% em 12 meses.

Na segunda-feira, 15, o Boletim Focus, do BC, indicou que a expectativa para a inflação do ano recuou para 4,36% (antes, era 4,40%). Já para 2026, a estimativa passou a 4,10%, de 4,16%. Sobre a inflação de 2025, o cenário confronta os cálculos do início do ano, quando a esmagadora maioria do mercado estimava que ela ficaria entre 5% ou 6%, ou até acima disso.

Na terça-feira, a ata da última reunião do Copom reiterou que a Selic permanecerá em 15% ao ano por um período “bastante prolongado”, apesar da desaceleração gradual da atividade e da redução da inflação. O BC enfatizou que seguirá vigilante e não hesitará em voltar a elevar os juros se julgar necessário.

No mesmo dia, pesquisa Genial/Quaest mostrou Lula liderando todos os cenários testados para a eleição. Em simulação de primeiro turno, o presidente aparece com 41% das intenções de voto, contra 23% do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), preferido do mercado, ficou com 10%. Nas projeções do segundo turno, Lula vence todos os adversários.

Como consequência, o dólar à vista subiu 1,1% e fechou cotado a R\$ 5,52, na quarta-feira, maior valor desde 1º de agosto. O Ibovespa caiu 0,8%, voltando ao patamar do início do mês, enquanto as taxas de juros futuras de médio e longo prazos alcançaram os níveis mais elevados desde outubro.

A postura cautelosa do BC e o resultado da pesquisa da Genial/Quaest ecoaram e impactaram o que o mercado financeiro chama de “trade Tarcísio”, expressão que designa a aposta na valorização de ativos com a expectativa de uma eventual vitória do governador paulista. Com o esvaziamento da candidatura de Tarcísio à presidência, investidores passaram a reprecificar riscos, pressionando câmbio e Bolsa.

Já na quinta-feira, 18, o Relatório de Política Monetária demonstrou uma melhora na projeção do BC de crescimento econômico em 2025, chegando a 2,3%, ante o patamar de 2,0% estimado em setembro. Na pesquisa Focus, a expectativa de expansão da economia ficou em 2,25% para este ano. Resta saber quanto o efeito eleitoral moldará os humores nestes dias que restam de 2025. ■



O Pix como presente é praticidade, mas não dedicação. Nos círculos íntimos, funciona porque o vínculo é reconhecido

Pix é presente de Natal?

Pesquisa encomendada pela Natura aponta que 30% dos brasileiros consideram a opção válida. Confira as principais razões de quem rejeita essa ideia

Ana Carolina Nunes

A praticidade do Pix fez do sistema de pagamentos não só um sucesso entre os brasileiros como uma opção de presente conveniente. É o que mostra uma pesquisa do Grupo Consumoteca, liderada pelo antropólogo Michel Alcoforado: “A arquitetura do afeto: o presente e as relações no Brasil”, encomendada pela Natura.

Segundo esse estudo, mandar um Pix com status de presente é uma prática que 30% dos mais de 1.200 brasileiros ouvidos declararam fazer, especialmente entre pessoas com vínculos mais próximos, como parceiros e filhos.

Mas, segundo o antropólogo, mesmo nas relações mais íntimas, o uso do Pix não deve ultrapassar esse um terço

das ocasiões de presentear. Isso porque, conforme identificado pela pesquisa, o Pix comunica praticidade, mas não dedicação. “Ele resolve, mas não simboliza. Nos círculos íntimos, isso funciona porque o vínculo já está dado. Nos vínculos mais distantes, porém, o Pix vira quase um gesto frio, podendo ser interpretado como ausência de cuidado”, aponta o estudo.

Ainda de acordo com o levantamento, 58% dos brasileiros valorizam presentes que criam memórias especiais e 47% valorizam trocas que proporcionam tempo de qualidade. Nesse cenário, o presente físico ressurge como o “ativo de vínculo” mais valioso, enquanto presentear com Pix enfrenta resistência por simbolizar baixo esforço e pouco afeto. Aliás, entre as razões de quem não aprova a ideia de presentear com Pix estão: “Não acho que transmite carinho ou intenção” (28% das respostas), “Prefiro escolher algo com significado mais pessoal” (27%), “Não acho apropriado” (25%) e “Prefiro dar algo que a pessoa possa abrir na hora” (22%).

A pesquisa feita pelo time de Alcoforado serviu de base para a campanha



Alcoforado: “Hoje, o vínculo é uma escolha que exige dedicação, atenção e esforço contínuo”

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

de fim de ano da empresa. Com o mote “PI.X. Natura – Presente com Intenção de Xodó”, o filme tem como foco incentivar a troca de presentes com “presença e conexão”. Ou seja, visa combater a “pragmatização do afeto”. PI.X., no caso, é acrônimo de “Presente com Intenção de Xodó”. A campanha, criada pela agência Africa Creative, reforça a assinatura “Estar presente é o seu melhor presente”.

Esses valores, presença e conexão, ganharam peso, segundo o estudo, porque, após a pandemia e a polarização política que os brasileiros vivenciam nos últimos cinco anos, as pessoas estariam reorganizando profundamente seus vínculos, tornando-os mais seletivos e intencionais.

“As relações não estão esfriando; estão ficando mais seletivas. Hoje, o vínculo é uma escolha que exige dedicação, atenção e esforço contínuo. É aqui que o presente entra: ele é o atalho que valida que você parou, pensou e dedicou tempo ao outro”, explica Alcoforado.

O trabalho da Consumoteca ressaltou que os presentes intencionais e escolhidos “com carinho” se tornam gestos simbólicos insubstituíveis, fundamentais para fortalecer a conexão e a memória nas relações humanas. A

pesquisa mostra ainda que o esforço e o investimento financeiro dos presentes dados são direcionados fortemente para um núcleo central de relações, como parceiros, filhos e pais, que exigem maior investimento emocional e em presentes. Os filhos recebem, em média, de 7,6 presentes por ano e parceiros, 6,4. Em terceiro lugar, está o mimo dado para si: são 5,9 no ano. Os pais ficam com a quarta posição, com 5,4.

“Então, é lendo para onde esse consumidor está indo e para onde vai esse desejo dele que a Natura investe nas opções de kits para presentear”, diz Tatiana Ponce, vice-presidente de marketing e head de inovação da Natura.

Como vantagem para marca, dentro da categoria de perfumaria e cosméticos, o perfume se destacou como o “grande presenteável” ou o presente universal. Segundo o levantamento, ele equilibra “atenção e reciprocidade” em todos os vínculos.

No entanto, conforme a intimidade muda, os produtos também se alteram: no núcleo central (parceiros, filhos e pais) entram itens mais íntimos, como hidratantes premium; na rede próxima (pessoas com presença frequente, porém não diárias, como amigos e parentes), fragrâncias acessíveis e maquiagem predominam; e na ampliada (conexões ocasionais, como colegas e vizinhos) entram os “coringas” como sabonetes e óleos. ■

FREPICK

Estudo aponta que, na categoria de perfumaria e cosméticos, o perfume é o presente universal. Ele equilibra “atenção e reciprocidade”



Confira alguns dados da pesquisa da Consumoteca

- 40% das pessoas se sentem mais distantes e 34% se veem em relações superficiais.
- A sociabilidade está em empate: enquanto 37% reduziram a frequência de encontros no último ano, 36% aumentaram.
- As pessoas ajustam tempo, frequência e dinheiro de acordo com o lugar que cada relação ocupa na sua vida.
- O presente deixou de ser espontâneo e virou compromisso de calendário.
- Vínculos prioritários: a núcleo íntimo (parceiro/cônjugue, filhos e pais) é o que mais se fortaleceu nos últimos anos e exige presentes focados em personalização e profundidade.
- Amizades em alta: após anos de enfraquecimento, os amigos tiveram o maior salto de proximidade em 2025, com 38% dos entrevistados relatando uma reaproximação.



A nova unidade ocupa um espaço de apenas 240 m². Ela funcionará como um “laboratório” da marca para coleções e eventos

ALESSANDRO GRIEZMACHHER

é criatividade do nosso time. Vamos abrir isso já para o público, testar e fazer como se fosse uma loja protótipo, como se fosse o nosso salão do automóvel que você leva os carros”, afirmou.

Segundo Farber, a alocação de capital para a loja-conceito não foi “volumosa”. A iniciativa se trata muito mais de estratégia de marketing. Cathyelle Schroeder, CMO da companhia, conta que a unidade surge em um período de “grande de transformação da companhia e da marca”.

“Nesse novo momento, vamos usar esse espaço como um laboratório para aprendermos tudo o que há de melhor e depois gerar escala para o resto da rede. A loja pop-up nasce desse olhar de ‘vamos nos desafiar a aprender’”, reforçou.

A Riachuelo de Pinheiros terá mudanças de layout e também das coleções a cada quinzena, em decisões com base na curadoria estratégica da companhia e com peças-chave para a empresa, como a linha Pool, de jeans produzidos com processos mais sustentáveis, com 70% menos água e 60% menos químicos. A loja também contará com a linha de produtos básicos com atributos tecnológicos, focada em conforto e durabilidade, e complementará o mix com produtos de collabs da companhia.

A decisão, entretanto, não visa apenas fazer barulho por conta da ideia, vista como disruptiva em termos de marketing. Na verdade, marca um período de foco da empresa na reabertura de lojas. No total, a rede fecha o ano com pouco menos de 340 unidades físicas, sendo que foram oito aberturas ao longo de 2025.

Para o ano que vem, ela espera abrir de 15 a 20 unidades. “A gente faz uma avaliação muito técnica e robusta dessas aberturas. Só investimos quando vemos retornos sustentáveis de longo prazo”, ressalta Farber.

Jornada mista

A gestão não enxerga uma dicotomia entre o e-commerce e o varejo físico. Apesar da aceleração do digital desde 2020, a empresa segue fortalecendo a presença nas experiências da marca, balanceando os investimentos nas duas avenidas de crescimento e integrando-as.

Isso, dado que, de acordo com Farber, cerca de 30% dos clientes come-

Marcada para fechar

Riachuelo abre loja-conceito em São Paulo para criar novidades e abrigar eventos e ativações; espaço funcionará por apenas 12 meses

Eduardo Vargas

Quem passava pela rua dos Pinheiros, zona oeste da capital paulista, na noite da quinta-feira, 11, ouvia música ao vivo e via influenciadores de moda e celebridades como Jade Picon no imóvel localizado no número 473. Esse é o endereço da mais nova loja da Riachuelo, que funcionará como “laboratório” da companhia para criar novidades e replicá-las em unidades já estabelecidas.

Curiosamente, a loja da Riachuelo já nasce com data para fechar: fruto de uma ideia inovadora gestada dentro da

própria empresa, a unidade funcionará por apenas 12 meses, sendo uma “loja viva”, com mudanças relevantes a cada 15 dias, em meio a ativações e eventos.

O espaço foge do padrão da companhia. Usualmente, as lojas possuem mais de dois mil metros quadrados, mas a unidade de Pinheiros mede somente 240 m². Essa estrutura deve ser replicada em futuras aberturas.

Questionado sobre eventual benchmark, o CEO da Riachuelo, André Farber, contou que a ideia veio de dentro de casa. “A inspiração é nossa mesmo,



Ganharam visibilidade peças-chave da empresa, como a linha Pool, de jeans produzidos com processos mais sustentáveis

FOTOS: ALESSANDRO GRUETZMACHER

cam a jornada de compra no ambiente online e terminam em uma loja física. A empresa não abre o percentual de faturamento que cabe às unidades físicas e ao digital, mas destaca que tem investido na estratégia omnichannel justamente para servir clientes que compram de um jeito ou de outro – e, em alguns casos, dos dois jeitos juntos, por conta desta jornada mista.

Outro ponto que se destaca em relação à nova unidade é seu foco na sustentabilidade. Além do tom de cor próprio da marca – chamado de “verde Riachuelo” –, a varejista mira práticas mais sustentáveis com a loja recém-inaugurada. A unidade será a primeira da rede a transformar roupas usadas que são entregues nos coletores em futuras coleções upcycling.

As sacolas usadas também destoam das antigas: agora 100% de algodão, com 25% de fibras recicladas, produzidas e tingidas na fábrica da companhia.

Projeções superadas

Os números mais recentes da companhia agradaram o mercado. A Riachuelo ostenta sua margem recorde nos resultados mais recentes, referentes ao terceiro trimestre de 2025. A empresa mostrou uma margem bruta de 61%, que superou projeções dos analistas.

Esse número fez com que o balanço mostrasse muito mais lucratividade, embora a receita tenha crescido um dígito percentual – no 3T25, a receita líquida saltou 6% na base anual, para R\$ 2,4 bilhões, enquanto o lucro líquido disparou 63%, para R\$ 74 milhões, o maior da história da empresa. “Estamos com oito trimestres seguidos com me-

lhora de margem e nove trimestres seguidos de crescimento”, relatou o CEO da empresa.

Para Farber, esse resultado reflete decisões estratégicas que visaram margens mais robustas, como priorizar produções das fábricas próprias em detrimento de fornecedores. O novo framework estratégico também contempla aumento de produtividade nas lojas e uma produção mais verticalizada.

Na mesma quinta, a empresa fez seu primeiro Investor Day, reforçando ao mercado um horizonte de 150 a 200 novas aberturas no longo prazo, além de reformas de lojas, com receita estimada entre R\$ 2 bilhões e R\$ 3 bilhões.

Há mais uma frente relevante: a evolução dos serviços financeiros, que passam a atuar como um motor adicional de geração de valor, combinando o core business da empresa com novos

produtos e maior contribuição para o Ebitda. Analistas da XP comentam que a monetização de ativos não essenciais, aliada a níveis saudáveis de alavancagem e a um Capex disciplinado, também devem apoiar o crescimento e os retornos aos acionistas.

“Vemos a empresa entrando em um novo ciclo estratégico com alavancas claras para destravar valor nos próximos anos, em linha com o que foi destacado em nossa atualização”, diz a casa, que tem recomendação de compra para as ações da empresa, com preço-alvo de R\$ 14, ao passo que os papéis negociam abaixo de R\$ 11.

Como parte desse processo de transformação, a companhia comunicou inclusive que mudará de ticker na bolsa de valores. A partir de fevereiro de 2026, GUAR3 passará a ser RIAA3, focando na identidade da marca Riachuelo. ■





JEREMY PIPER/REUTERS

População homenageou as vítimas, entre elas um rabino da comunidade local

Horror em Bondi

Em uma das praias mais turísticas da Austrália, um ataque a tiros durante a festa judaica de Hannukah provoca 15 mortes e gera debate sobre controle de armas

O domingo caminhava para o fim e na praia de Bondi, uma das mais famosas e turísticas de Sydney, na Austrália, havia pessoas aproveitando o dia de calor e outras estavam no evento Chanukah by the Sea, que marcava o início do Hanukkah, festa judaica que é celebrada durante oito dias. Então, dois homens armados começaram a disparar contra a multidão. O ataque durou cerca de dez minutos, provocando pânico generalizado.

Foram mortas 15 pessoas e cerca de 40 ficaram feridas, entre elas dois policiais. Em meio ao ataque, um homem, Ahmed al Ahmed, um vendedor de

frutas e verduras de 43 anos, cidadão australiano e muçulmano, se escondeu atrás de um carro e saltou sobre um dos atiradores. Em rápida luta corporal, ele conseguiu desarmar o criminoso, que caiu no chão e, depois, se afastou do local. Um pouco distante, estava o segundo atirador, que disparou sobre Ahmed, ferindo-o. Captada em vídeo, a cena do desarme rodou o mundo.

Em seguida, a polícia cercou os dois atiradores. Um foi morto: Sajid Akram, de 50 anos. O outro, seu filho, Naveed Akram, de 24 anos, foi atingido gravemente e foi encaminhado a um hospital. Na terça-feira, 16, ele saiu do coma

e os policiais deram novo rumo às investigações, que apontam que o atentado é terrorista. No carro de Naveed, encontrado no local, havia bandeiras feitas à mão com símbolos do Estado Islâmico. O primeiro-ministro da Austrália, Anthony Albanese, declarou que o ataque “parece ter sido motivada pela ideologia” do grupo terrorista.

As vítimas de Sajid e Naveed Akram tinham entre 10 e 87 anos. Entre os mortos estavam uma menina de 10 anos, dois sobreviventes do Holocausto, um casal de judeus russos que tentou impedir o ataque e um rabino, Eli Schlanger, de 41 anos. Nascido em Londres, ele era figura central na comunidade judaica local e prestava serviços religiosos em prisões e hospitais. Pai de cinco filhos, Schlanger era conhecido como o “rabino de Bondi”. Na quarta-feira, 17, foi feito seu funeral, com homenagens.

Também na quarta-feira, Naveed foi acusado de 59 crimes, incluindo homicídio e ato terrorista. A polícia apura uma viagem feita por pai e filho às Filipinas cerca de um mês antes do atentado. Sajid teria entrado no país com passaporte indiano, enquanto Naveed usou passaporte australiano. Os objetivos dessa viagem, os contatos realizados e os locais visitados seguem sob investigação. Suspeita-se que o motivo tenha sido treinamento do grupo terrorista.

O atentado ocorreu em um contexto de aumento de ataques antisemitas na Austrália desde o início da guerra entre Israel e o Hamas, em outubro de 2023. Diante do episódio, o governo australiano indicou que pretende endurecer ainda mais as leis de porte e controle de armas, apesar de o país já possuir uma das legislações mais restritivas do mundo desde um massacre ocorrido em Port Arthur, em 1996, quando 35 pessoas foram mortas.

No hospital St. George, o vendedor Ahmed al Ahmed, que foi atingido por dois tiros, um na mão e outro no braço, precisou passar por cirurgia, mas estava se recuperando. Sua atitude foi elogiada e ele vem sendo considerado “herói nacional” dentro e fora da Austrália. Uma campanha online arrecadou, em um dia, mais de A\$ 1,1 milhão para ele, o equivalente a R\$ 4 milhões. 

Volta à direita

Chile elege José Antonio Kast, candidato do Partido Republicano, de linha conservadora; ele superou a comunista Jeannette Jara no segundo turno



Kast unificou votos da direita. Na campanha, focou em segurança pública e imigração

O Chile elegerá como presidente, no domingo, 14, um homem que, em 1988, atuou na campanha do general Augusto Pinochet durante o plebiscito que definiu o fim da ditadura militar. Seu nome é José Antonio Kast, candidato do Partido Republicano, que derrotou no segundo turno Jeannette Jara, do Partido Comunista. Mais de 15 milhões de pessoas estavam aptas a votar no país.

A eleição do conservador Kast marcou uma mudança em relação ao primeiro turno. Na etapa inicial da disputa, Jeannette havia ficado à frente na contagem dos votos. No intervalo entre os dois turnos, partidos e lideranças alinhados à direita declararam apoio a

Kast, o que ampliou sua base eleitoral no confronto direto.

O atual presidente Gabriel Boric, impedido pela Constituição chilena de concorrer novamente, encerrará seu mandato após quatro anos no cargo. A cerimônia de posse do presidente eleito está prevista para 11 de março de 2026, quando Kast receberá a faixa presidencial no Palácio de La Moneda.

Nascido em Santiago, em janeiro de 1966, Kast é advogado formado pela Universidade Católica do Chile. É o caçula de uma família com dez filhos. Seu pai, Michael Kast Schindèle, foi militar alemão e deixou a Europa após a Segunda Guerra Mundial. Um de seus irmãos, Miguel Kast, ocupou car-

gos no governo e no Banco Central durante o regime militar chileno. Tempos depois de ter participado da campanha do plebiscito, Kast retornou à política, ingressando no Congresso, onde exerceu quatro mandatos como deputado, entre 2002 e 2018. Inicialmente filiado à União Democrática Independente, ele deixou a legenda em 2016. Três anos depois, fundou o Partido Republicano, que passou a ser sua base política.

Antes da vitória neste ano, ele havia disputado a presidência em outras duas ocasiões, nos pleitos de 2017 e 2021, sem sucesso. Entre 2022 e 2024, Kast presidiu a Political Network for Values, entidade que reúne representantes conservadores de vários países e debate temas como valorização da família e direito à vida (o discurso dos integrantes é contra o aborto).

No cenário interno, Kast se posicionou contra duas propostas de nova Constituição que foram levadas a plebiscito, tanto a elaborada por uma convenção dominada por partidos de esquerda quanto a versão seguinte, em que seu partido formava maioria.

Durante a corrida presidencial, a campanha de Kast concentrou-se em dois eixos: segurança pública e imigração. Entre as propostas apresentadas estão a construção de unidades prisionais de segurança máxima, o aumento das penas para crimes específicos e mudanças nas regras relacionadas à legítima defesa.

Na área de imigração, Kast afirmou que pretende reforçar o controle das fronteiras e fechar passagens consideradas irregulares. Ele defendeu a criminalização da imigração sem documentação e a realização de deportações de estrangeiros em situação irregular, inclusive por meio de voos fretados. Parte dos custos dessas operações, segundo o plano, seria repassada aos próprios deportados.

No campo econômico, o presidente eleito propôs reduzir despesas públicas em cerca de US\$ 6 bilhões ao longo de um período de 18 meses. A viabilidade desse corte foi questionada por especialistas, diante do impacto potencial sobre programas sociais. Ainda assim, ele afirmou que ajustes seriam feitos sem afetar benefícios como a Pensão Garantida Universal. **D**

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

Estados Unidos

Atirador de ataque em universidade está foragido

O responsável por um ataque a tiros que matou dois estudantes e deixou nove feridos na Universidade Brown, em Providence, no sábado, 13, continuava foragido no início da semana. O crime ocorreu durante provas de fechamento do semestre. Um homem invadiu um prédio do campus e abriu fogo contra as pessoas. A polícia reforçou as buscas com apoio do FBI.



Venezuela

Caracas reage a bloqueio naval anunciado por Trump

O governo da Venezuela classificou como "irracional" e uma "ameaça grotesca" o bloqueio naval a petroleiros do país determinado pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, na terça-feira, 16. A medida autoriza a interceptação de navios que entrem ou saiam do país transportando petróleo e que estejam em uma lista de sanções do governo norte-americano. Caracas acusa Washington de tentar "roubar riquezas" venezuelanas. No dia 10, os EUA apreenderam um navio-tanque carregado de petróleo na costa do país, retendo a embarcação e o combustível.

Bolívia

Ex-presidente é preso em caso de corrupção estatal

O ex-presidente boliviano Luis Arce foi preso em 10 de dezembro de 2025, em La Paz, sob suspeita de corrupção ligada ao período em que atuou como ministro da Economia no governo de Evo Morales. Segundo o Ministério P\xfublico, ele responderá por "descumprimento de deveres" e "conduta antieconômica". A investigação envolve supostos desvios de recursos do Fundo para o Desenvolvimento dos Povos Ind\xedgenas. Arce, que deixou o poder em novembro, passou a noite sob cust\xf3dia policial enquanto aguarda acusação formal.

França

UE discute flexibilizar meta de carros a combustão em 2035

A União Europeia anunciou na terça-feira, 16, no Parlamento Europeu, em Estrasburgo, que pode flexibilizar a proibição da venda de carros novos a gasolina e diesel a partir de 2035. Ante a pressão de países como Alemanha e Itália, agora a proposta prevê redução de 90% nas emissões, e não mais zero, abrindo espaço para híbridos e combustíveis sintéticos. A mudança busca socorrer a indústria automobilística europeia, pressionada pela concorrência chinesa, que apostou fortemente nos elétricos, e por tensões comerciais com os Estados Unidos.



Vaticano

Papa critica consumismo e pede Natal mais solidário

Em mensagem de Natal, o papa Leão XIV fez um apelo por uma celebração mais autêntica e caritativa, com críticas diretas ao consumismo que, segundo ele, esvazia o sentido da data. Em texto publicado na revista Piazza San Pietro, o pontífice pediu que os fiéis evitem a "compra dopante" e resgatem gestos concretos de solidariedade, como convidar pessoas pobres ou solitárias para a ceia. Para o papa, o Natal deve ser vivido com sobriedade, oração e compromisso com a caridade diante da pobreza material e existencial.

Japão

Os dois últimos pandas no país irão para a China

O Japão vai antecipar a repatriação à China de dois pandas, que são os últimos presentes no país e que são altamente populares. Os gêmeos Lei Lei e Xiao Xiao, nascidos em 2021 no zoológico de Ueno, em Tóquio, viajarão até o fim de janeiro, antes do encerramento formal do contrato de empréstimo, que seria em fevereiro. A decisão, confirmada pelo governo japonês, ocorre em meio ao agravamento das tensões com Pequim. O anúncio da antecipação da viagem provocou fila de visitantes no zoológico.

A evolução da menopausa

Com os avanços da medicina, o aumento da longevidade feminina e um maior envolvimento da sociedade, o período deixou de simbolizar um encerramento para representar o começo de um novo ciclo

Vanessa Lima

**Silvia Ruiz, 55,
jornalista e
cofundadora do
podcast MenoTalks**

“

Pouco depois dos 45 anos, comecei a notar alguns esquecimentos. Como meu pai teve demência, fiquei preocupada. Fui pesquisar: aquilo tinha nome, brain fog (“névoa mental”, em inglês). Procurei ajuda médica e descobri que estava na perimenopausa. Nunca tinha ouvido esse termo. Fiquei revoltada, não por conta das mudanças, mas por não conhecer nada sobre o assunto, mesmo sendo jornalista de saúde. Comecei imediatamente a reposição. Se você não tem acesso a um tratamento adequado, uma fase da vida que poderia ser muito rica do ponto de vista do amadurecimento, vira um martírio

”

No Brasil, estimativas da Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo) apontam que cerca de 17 milhões de mulheres vivem atualmente no climatério, fase de transição para o fim da função reprodutiva. Outras 9,2 milhões já estão na menopausa, ou seja, deixaram de menstruar há, pelo menos, um ano.

Durante décadas, esse período era envolto em uma narrativa que reforçava estereótipos. Mas o mundo mudou. E mudaram as mulheres, a medicina e o modo de olharmos para o corpo. Se, no passado, uma mulher de 50 anos era considerada velha, hoje ela está no auge da vida pessoal e profissional. O tema é discutido abertamente, impulsionado por pessoas famosas e comunidades nas redes. Além disso, as diretrizes sobre terapias, incluindo a hormonal, ganharam atualizações importantes.

Mesmo com o boom da discussão, informações confiáveis e o acesso ao cuidado adequado ainda estão longe de ser uma realidade acessível a todas. De acordo com uma pesquisa feita pela Ipsos com 800 mulheres de 18 a 60 anos, a pedido da Bayer, 44% das brasileiras que apresentam sintomas da menopausa não realizam nenhum tipo de tratamento. Cerca de metade das mulheres ouvidas relatou que seus sintomas de saúde já foram considerados “exagero” ou “algo normal” — percentual que aumenta para 65% entre aquelas em fase de pré-menopausa.

“Em uma geração anterior à nossa, mulheres acima de certa idade não queriam falar que tinham essa idade e muito menos que estavam na menopausa. Era o machismo e o etarismo de mãos dadas”, diz a jornalista Silvia Ruiz, 55 anos, cofundadora do podcast Meno-

Entenda os termos

Perimenopausa

Período de transição que antecede a menopausa. Pode começar de três a dez anos antes da última menstruação. Os níveis dos hormônios ovarianos, como estrogênio e progesterona, caem, o que desencadeia uma série de mudanças no corpo e sintomas como os calorões ou fogachos, ressecamento vaginal, cansaço e esquecimento.

Menopausa

É caracterizada pelo encerramento definitivo dos ciclos menstruais. Uma mulher está na menopausa quando fica 12 meses consecutivos sem menstruar, sem outra causa aparente. Em média, as brasileiras entram na menopausa aos 48 anos, segundo estudo publicado na revista Climacteric.

Pós-menopausa

Fase que se inicia após a menopausa e dura pelo resto da vida da mulher. Requer cuidados com a saúde e um estilo de vida saudável, com boa alimentação, exercícios e controle do estresse, além de acompanhamento médico para prevenção de doenças, como osteoporose e problemas cardiovasculares.

Climatério

Termo que abrange todas as etapas da transição, envolvendo o fim da vida reprodutiva feminina. Inclui perimenopausa, menopausa e pós-menopausa.



Tamara Foresti, 41, diretora de marketing de influencers

“Vou começar uma terapia de bloqueio hormonal, como parte de um tratamento contra um câncer de mama. A expectativa é que eu tenha os sintomas da menopausa de um dia para o outro. Sou bem natureba, então, está sendo difícil de aceitar. Tenho medo dessa transição principalmente porque comecei um trabalho novo e não quero ter os brain fogs. Por isso, procurei uma ginecologista natural para me ajudar nesse processo. Mas acredito que, na menopausa, deve haver uma mudança de chave quando você deixa de criar para o mundo, e passa a usar essa energia só para você”

ARQUIVO PESSOAL

Talks. Nos episódios, ela e a jornalista Mariliz Pereira Jorge conversam com personalidades e especialistas sobre desafios e vantagens da maturidade.

A corrente ganhou força de lá para cá. Em 2024, a modelo e apresentadora Fernanda Lima, 48, criou um podcast, o Zen Vergonha, e dedicou uma temporada inteira ao assunto. Este ano, a atriz Claudia Raia, 58, estrelou a peça “Cenas da menopausa”. A onda se intensificou também lá fora. A atriz Naomi Watts, 57, lançou o livro “Dare I say it:

Everything I wish I'd known about menopause" (em português, "Ouso dizer: Tudo o que eu gostaria de ter sabido sobre a menopausa"), que entrou na lista dos mais vendidos do jornal The New York Times em 2025. Já a atriz Halle Berry, 59, participou de movimentos políticos reivindicando a destinação de verbas para pesquisas e cuidados com a saúde feminina nos Estados Unidos.

Halle, Naomi e Silvia Ruiz também lançaram linhas de produtos voltadas para mulheres nesta faixa etária. E não só elas. Com a força do movimento, as marcas perceberam que o público feminino 40+ e 50+ formavam um nicho de mercado ávido. Para a ginecologista e obstetra Lucia Helena Paiva, presidente da Comissão Nacional Especializada em Climatério da Febrasgo, porém, a prática precisa de mais conscientização. "Há um excesso na prescrição de probióticos e de suplementos alimentares, muitas vezes sem respaldo científico sobre sua eficácia ou necessidade", alerta.

Cenário que ganha ainda mais relevância quando se observa que, segundo dados recentes do IBGE, as brasileiras vivem, em média, 79,9 anos. Com mulheres vivendo mais, debatendo o tema com maior abertura e reivindicando direitos e cuidados, a ciência também avança nas formas de oferecer o suporte necessário nessa fase.

Reposição desmistificada

Um passo importante foi dado a favor das mulheres que passam pelo climatério para reduzir o estigma da terapia de reposição hormonal (TRH), uma das abordagens mais eficazes para o controle dos sintomas da menopausa e prevenção de algumas condições de saúde. Como o nome indica, o tratamento consiste em repor parte dos hormônios que passam a ser produzidos em menor quantidade pelo corpo feminino, como estrogênio e progesterona.

Em novembro, o Food and Drugs Administration (FDA), agência reguladora dos EUA, retirou o alerta de tarja preta dos fármacos usados na TRH. O aviso havia sido incluído na década de 2000, após resultados mal interpretados de um polêmico estudo, o Women's Health Initiative (WHI), que associou a reposição hormonal ao aumento de riscos de câncer de mama, AVC e infar-

Ivania Konno, 48, terapeuta neotântrica e especialista em saúde mental corporativa

“

Comecei a notar os sintomas da perimenopausa este ano. Eu levantava muitas vezes para fazer xixi à noite, o que melhorou com fisioterapia pélvica. O que ainda me incomoda é a insônia e os lapsos de memória. O primeiro tento resolver com higiene do sono. Já para os esquecimentos, uso a tecnologia a meu favor, com alarmes do celular e post-its. O jeito é não se culpar. No inconsciente coletivo, a menopausa é a morte, porque a mulher perde a capacidade de gerar. Como digo às minhas pacientes, porém, feche a fábrica e abra o parque de diversões! Dê espaço ao novo

”



ARQUIVO PESSOAL

to. "Os alertas mencionavam riscos de forma generalizada, como se todas as terapias apresentassem os mesmos perigos, quando, na verdade, eles dependem da idade de início, das condições de saúde da mulher, da dose, da via de administração e dos tipos de hormônios utilizados", explica Lucia Helena.

A médica garante que, quando bem indicada, a terapia hormonal é segura e eficiente. "Os principais critérios de elegibilidade dependem do momento oportuno e da presença (ou não) de problemas de saúde que contraindiquem a terapia hormonal", afirma. O tratamento tem uma "janela de tempo" para ser iniciado, que é na perimenopausa ou nos primeiros 10 anos de menopausa, antes dos 60 anos. Ao começar mais tarde, os benefícios são menores, porque os sintomas mais intensos já passa-

ram, e o risco de complicações cardiovasculares aumenta.

A oncologista Angélica Nogueira, presidente da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC), ressalta que a decisão do FDA é uma "mudança de narrativa" e não uma ciência nova. "Os dados foram reavaliados e a conclusão foi de que os riscos foram superdimensionados, quando extrapolados para todas as mulheres e todos os esquemas de reposição", diz. "Na prática, para o Brasil, nada muda de imediato. Mas deve haver um impacto da influência norte-americana em todo o mundo", avalia a especialista.

Certamente, a alteração nos EUA abre espaço para uma discussão mais equilibrada. Lucia Helena acredita que a tendência é que os medicamentos tenham as bulas alteradas por aqui no

futuro. “Até porque muitos dos produtos comercializados aqui vêm de indústrias americanas ou de outros países”, avalia. IstoÉ procurou a assessoria de imprensa da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), para mais informações, mas até o encerramento desta reportagem, não obteve resposta.

Reverter a ideia de que a TRH é arriscada para todas as mulheres é uma necessidade, porque a reposição é uma das ferramentas que ajudam de forma mais eficaz nos sintomas incômodos, como as ondas de calor e suores noturnos, além de melhorar a saúde vaginal, atuar na prevenção de osteoporose e de fraturas e auxiliar no sono, no humor, na redução de dores articulares e na libido.

Em relação ao tempo de tratamento, não existe um prazo: a TRH pode ser usada por vários anos, desde que a mulher seja reavaliada periodicamente para confirmar se ainda há benefícios

Para Patrícia Davidson, é essencial priorizar proteínas em todas as refeições



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM



ARQUIVO PESSOAL

Aliercia Pires, 50, assessora executiva

“A entrada na menopausa foi um susto. Passei a ter ondas de calor, ressecamento da pele e das mucosas, dormência nas mãos. Para aliviar o desconforto, optei por medidas naturais, como magnésio, óleo de prímula, chás, exercícios e alimentação equilibrada, já que mulheres hipertensas, como eu, têm restrições à reposição. Tenho a sensação de que ganhei um novo corpo e preciso aprender a lidar com o que ele me oferece, ou não. Mesmo que seja uma fase difícil, é também de muitos aprendizados. Me fez rever prioridades e apostar apenas no que me faz bem”

e se não surgiram novos riscos. Em resumo, a terapia é segura quando indicada de forma individualizada. Paralelamente à terapia oral, vale destacar a crescente prescrição de hormônios por via transdérmica (em gel, adesivos ou spray), que oferecem maior segurança em alguns aspectos.

E se a reposição não for indicada?

Embora isso não aconteça de forma generalizada, como se acreditou por um tempo, a terapia hormonal envolve, sim, eventuais efeitos adversos. O principal é o aumento na probabilidade de câncer de mama, que depende do tipo de terapia hormonal e da dose. “Mesmo assim, é um aumento muito baixo: é um caso extra de câncer de mama para cada mil mulheres”, afirma Lucia Helena.

Outro ponto de atenção é a maior chance de trombose, embora também seja mínima e esteja relacionada apenas às terapias orais. “Pela via transdérmica — gel, adesivos ou spray — esse problema não se eleva”, esclarece. Há ainda possibilidades de alterações do endométrio, mas isso varia conforme o tipo de tratamento, os hormônios usados e o seguimento adequado da medicação. “Se a mulher usar a progestina corretamente, todos os dias, o risco até diminui”, afirma.

Por isso, a TRH é contraindicada para mulheres com câncer de mama atual ou prévio — independentemente do subtipo — e em tumores hormônio-dependentes, como câncer de endométrio em atividade ou certos cânceres de ovário. Também não deve ser usada por quem já teve infarto, AVC, trombose associada a hormônios, ou apresenta sangramento uterino sem causa esclarecida.

No caso de mulheres com mutações BRCA1/BRCA2, a reposição pode ser considerada apenas em situações específicas — como após cirurgias reductoras de risco que retiram os ovários precocemente — e sempre com acompanhamento especializado. Para quem tem histórico familiar, mesmo sem mutação conhecida, é fundamental avaliar individualmente o risco-benefício.

Para aquelas que não podem ou mesmo não desejam usar hormônios, há opções que ajudam a controlar ondas de calor e terapias locais de baixa absorção para saúde vaginal, que são seguras até para mulheres com histórico de câncer de mama. Existem ainda substâncias, como o fezolinetanto e o elinzanetanto, que agem diretamen-

te no sistema nervoso central e já foram aprovadas em alguns países. Ambas estão em análise pela Anvisa e podem representar uma revolução para mulheres com contraindicações à reposição.

Vale lembrar que o tratamento da menopausa inclui estes pilares essenciais: atividade física regular (musculação e exercícios aeróbicos), higiene do sono, alimentação equilibrada e manejo do estresse, além de suplementação de cálcio e vitamina D, se necessário.

A alimentação tem um papel decisivo, como lembra a nutricionista Patrícia Davidson, especialista em saúde hormonal natural e saúde da mulher. “Durante o climatério, o metabolismo sofre alterações na composição corporal, no sono e no humor. A alimentação adequada atua como modulador desses processos, ao estabilizar a glicemia, reduzir a inflamação e proteger a massa magra”, explica. Quando a terapia hormonal é contraindicada, esse impacto nutricional se torna ainda mais central, já que uma dieta bem planejada melhora a sensibilidade à insulina, entre outros benefícios. Para a nutricionista, é essencial priorizar proteínas em to-

das as refeições, assim como gorduras boas, alimentos ricos em fitoestrogênios (como soja e linhaça) e frutas e vegetais antioxidantes. Já os açúcares, farinhas refinadas, o excesso de cafeína e os ultraprocessados — que intensificam fogachos, inflamação, ansiedade e ganho de peso — devem ficar de fora do cardápio idealmente.

Há a chamada ginecologia natural, utiliza uma combinação de plantas medicinais, suplementação individualizada, mudanças de estilo de vida e práticas de autocuidado. “A mulher não é obrigada a fazer reposição. Existem outros caminhos”, diz a ginecologista Bel Saide, uma das precursoras do movimento. Mas a especialista enfatiza que o processo vai além dos sintomas físicos: “A menopausa traz à tona questões emocionais. É um convite à redefinição da própria identidade”.

Entre avanços e desigualdades

Apesar dos progressos, o acesso aos tratamentos para amenizar os sintomas da menopausa ainda é restrito. Na rede pública, a reposição hormonal não é oferecida regularmente. “Tem até Viagra no SUS, mas não reposição hormonal”, critica a jornalista Silvia Ruiz. Uma barreira que afeta especialmente mulheres de baixa renda.

Mas o fato de o assunto ter virado pauta começou a gerar efeito. Atualmente, há um projeto de lei, em tramitação na Câmara dos Deputados, que propõe a criação de uma Política Nacional de Atenção à Menopausa e ao Climatério, com foco em reduzir desigualdades regionais. “É preciso combater a desinformação e treinar profissionais”, diz Lucia Helena, da Febrasgo.

Pesquisas sobre terapias personalizadas, moduladores seletivos e até preservação da função ovariana estão em andamento. Existem iniciativas ainda distantes da prática clínica, mas que têm potencial.

Jogar luz sobre o assunto tem sido fundamental para que as mulheres — e toda a sociedade — passem a enxergar a menopausa de maneira diferente. “É preciso olhar com entusiasmo para esse ciclo que está se abrindo e entender que não é uma fase de decadência, e sim de evolução”, afirma a ginecologista Bel Saide.

Colaborou Malu Echeverria

A médica Lúcia Helena diz que, bem indicada, a terapia hormonal é segura e eficiente



REPRODUÇÃO/FACEBOOK

Economia 40+

Mercado demanda serviços e produtos que atendam os desafios das mulheres que estão na fase do climatério e lidam com mudanças na saúde, no mercado de trabalho e na família

Ana Carolina Nunes

Pesquisa do Data8 sobre longevidade aponta que 46% das mulheres tomam vitaminas e minerais



TOWFIQ BARBHUIY/UNSPLASH

Aeconomia da juventude eterna, do rejuvenescimento ou da “anti-idade” ainda é pujante. Mas ela começa a perder espaço, ainda que discretamente, para a chamada “economia climatérica”. O conceito se aplica a produtos e serviços com foco na saúde e bem-estar para mulheres que estão na fase do climatério, passando pela menopausa, até a pós-menopausa.

O mercado percebeu o potencial desse grupo, que não só demanda por serviços e produtos específicos como que se expande em tamanho e em longevidade. É um grupo de mulheres a partir dos 40-45 anos que se mantém socialmente ativas, e que tem de enfrentar mudanças na saúde física e mental enquanto lidam com o mercado de trabalho (também em mudança e igualmente desafiador) e com a família – já que a maternidade tem chegado cada vez mais tarde. Nesse cenário, muitas ainda têm filhos pequenos ou adolescentes.

Com o aumento da expectativa de vida, essa população é constituída por pessoas que viverão mais tempo em período climatérico e de pós-menopausa. Segundo o Data8, hub de pesquisas e tendências sobre longevidade, hoje as mulheres vivem cerca de um terço de suas vidas no climatério. A projeção é de que, em breve, a fase climatérica representará a maior parte de suas vidas.

“À medida que a visão do envelhecimento se torna mais positiva e orientada à longevidade, soluções voltadas para diferentes fases da vida ganham escala, com a menopausa emergindo como um dos mercados de maior crescimento”, afirma Nicole Silbert, líder de marketing da consultoria de tendências WGSN na América Latina.

De acordo com o IBGE, no país, há cerca de 17 milhões de mulheres no climatério (40 aos 65 anos). Já na menopausa, são cerca de 9,2 milhões de brasileiras (entre 50 e 65 anos).

“Empresas mais atentas já podem, ou poderiam, pensar mais nesse corte de população. Essa mulher está passando por uma transformação, seja de identidade ou de autoconhecimento. Ela vai buscar produtos, serviços funcionais, símbolos de consumo. As marcas podem se valer dessa compreensão. São opções para muitos mercados, desde saúde até carreira e educação”, avalia a professora de pesquisa e comportamento do consumidor da ESPM, Bianca Dramali.

Pelo estudo da Data8, mulheres se cuidam cada vez mais e potencializam mercados na longevidade. Quase metade dessa população (46%) toma vitaminas e minerais. Já 67% fazem check-up pelo menos uma vez no ano e 35% fazem atividades físicas regularmente.

“O avanço do mercado vai além de produtos do bem-estar mental ao equilíbrio hormonal. Passa pela saúde da pele, telessaúde e experiências imersivas. A penetração em skincare voltada à menopausa já dobra, ou mais que dobra, em regiões estratégicas, consolidando a categoria como vetor prioritário de inovação”, diz Nicole.

A professora da ESPM vê o momento como estratégico para marcas e empresas participarem dessa fase da vida das consumidoras, escutando o que elas desejam de produtos e serviços.

“As mulheres estão tomando consciência de que essa fase não precisa ser assim [de sofrimento] e buscando soluções. Então, as marcas que atentarem de forma genuína, que se aliem a elas como parceiras, deem espaço, que conversem”, reforça Bianca. ■

Bianca Dramali, da ESPM: há muitas opções para o mercado investir, d saúde a carreira e educação

DIVULGAÇÃO/ESPM



Seca anunciada

Com reservatórios em níveis críticos, São Paulo revive memória de 2014 e se aproxima de novo racionamento

Jennifer Ann Thomas

Dez anos depois da pior escassez hídrica da história de São Paulo, o fantasma da torneira seca volta a assombrar a maior metrópole do país. Operando com apenas 20% de seu volume útil, o menor patamar desde a crise de 2014 e 2015, o principal reservatório da região metropolitana, o Sistema Cantareira, está no limite. Se o cenário não melhorar até o fim de dezembro, o sistema poderá entrar na faixa considerada pelos órgãos reguladores como a mais restritiva. O Alto Tietê, que abastece cerca de 4,5 milhões de pessoas, está em situação ainda mais delicada: tem 18% do volume útil.

“Estamos em um cenário de risco hídrico. Quando temos só um quarto

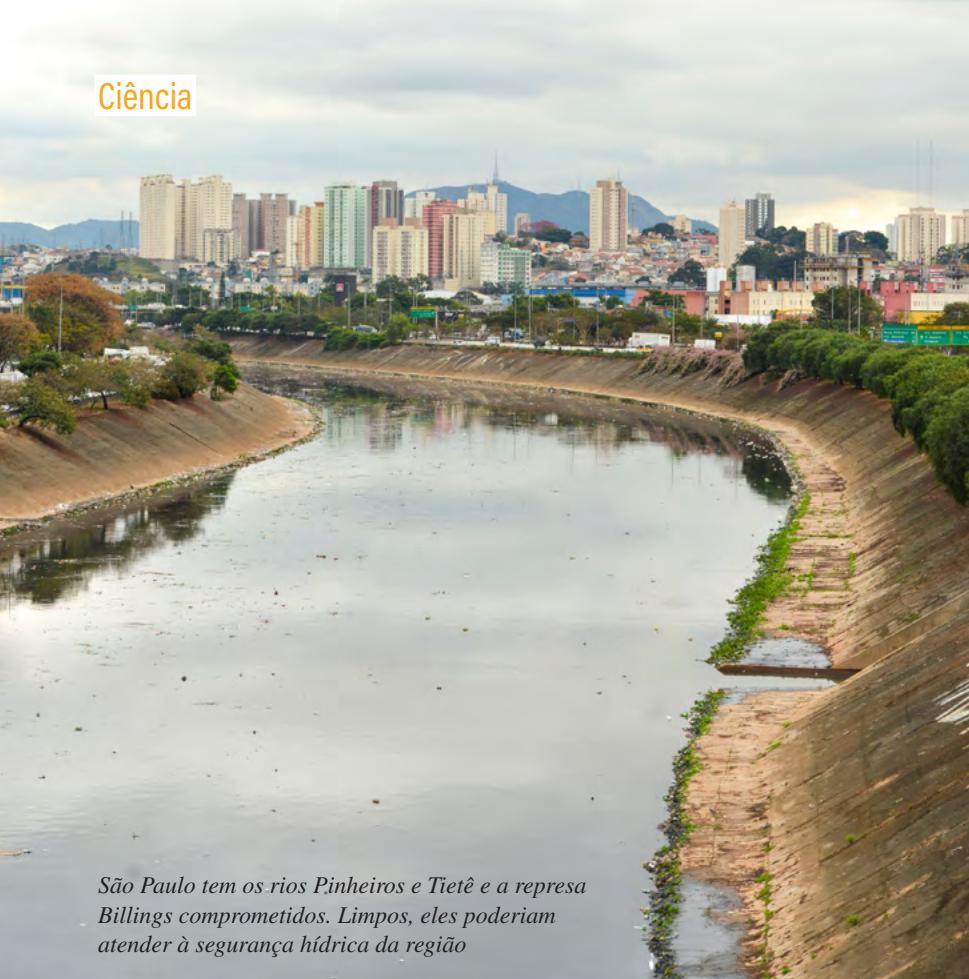
da reserva e a chuva, se vier, será somente até março. Precisa chover muito para termos uma recuperação mínima. Há uma luz amarela piscando”, afirma Samuel Barreto, do comitê gestor do Observatório das Águas (OGA).

O problema vai além de um verão seco. A precipitação em novembro ficou cerca de 30% abaixo da média histórica, e mesmo as chuvas recentes não reverteram a queda dos reservatórios. Pior: dados da Sabesp revelam que, nos últimos 30 anos, há uma tendência de aumento da frequência de níveis críticos e de recuperação mais lenta dos sistemas. Não se trata mais de azar meteorológico, mas de um novo padrão que veio para ficar.

Modelagens indicam que, mesmo que o volume anual de chuvas se mantenha, a distribuição será cada vez mais irregular: longos períodos de estiagem seguidos por tempestades torrenciais. “Estamos falando dos extremos, que são cada vez mais frequentes”, observa Guilherme Karam, gerente de economia da biodiversidade da Fundação Grupo Boticário, que coordena o movimento Viva Água. Segundo ele, uma parcela significativa das bacias hidrográficas brasileiras enfrenta algum nível de restrição hídrica.

A memória mais recente desse tipo de colapso remonta a 2014 e 2015, o episódio mais grave da história paulista. O Sistema Cantareira chegou a operar em níveis críticos, forçando a Sabesp a usar pela primeira vez o “volume morto” — reserva técnica abaixo do nível das comportas. A população enfrentou racionamento severo, com interrupções que duravam horas. Bairros inteiros ficaram sem água, moradores estocavam galões e caminhões-pipa nas ruas viraram cena comum. Municípios do interior, como Itu, decretaram emergência. A estiagem foi mais severa do que a pior seca registrada até então, na década de 1950, e expôs as fragilida-





São Paulo tem os rios Pinheiros e Tietê e a represa Billings comprometidos. Limpos, eles poderiam atender à segurança hídrica da região

noturna na rede por cerca de 10 horas diárias. O efeito colateral é que a água demora mais para chegar às periferias, penalizando a população mais vulnerável. “Precisamos de um plano de contingência para minimizar esses impactos, principalmente para essa população e para áreas importantes, como hospitalais”, pondera Barreto. Se a seca apertar, outras ações podem incluir bônus para quem economiza e multas para quem consome demais, recursos que São Paulo usou em 2014.

Rios poluídos escancaram um descaso estrutural e, ao mesmo tempo, uma solução ao alcance. “Temos o rio Pinheiros, o rio Tietê, a represa Billings. Se estivessem limpos, poderiam atender à segurança hídrica da região metropolitana”, aponta Barreto. São mais de 114 mil quilômetros de rios comprometidos no Brasil. A despoluição não se resolve da noite para o dia, mas precisa começar.

Para Karam, a saída passa por abandonar o impulso de resolver todos os problemas urbanos com concreto. “Dada a emergência climática, temos de pensar em um bloco de soluções. Investir na natureza com olhar de longo prazo e na infraestrutura cinza com olhar de curto prazo”, defende. As campanhas de “fechar a torneira”, embora bem-intencionadas, respondem por uma fatia pequena do desperdício. “O Brasil perde cerca de 40% da água captada na distribuição, quando organismos internacionais recomendam perdas máximas em torno de 15%”, lembra.

A ameaça se desenrola às vésperas de um ano eleitoral. Em 2014, a disputa política travou decisões importantes. “Essas medidas de contenção têm de estar disponibilizadas em um plano de contingência com antecedência”, alerta Barreto. Karam, por sua vez, enxerga oportunidades: “sempre é uma chance de colocar na pauta as propostas relacionadas à segurança hídrica”.

Barreto costuma citar uma frase que ouviu de uma senhora do semiárido: “a primeira coisa que a chuva faz é lavar a memória da seca”. Com os reservatórios minguando, o clima mais instável e uma eleição no horizonte, São Paulo tem uma escolha: continuar correndo atrás do prejuízo ou se antecipar ao próximo ciclo de escassez. ■

des do sistema: falta de planejamento, infraestrutura defasada e ausência de integração entre os reservatórios.

Crises hídricas não acontecem de repente. Elas se constroem ao longo de décadas, resultado de alterações nos padrões de chuva, degradação dos mananciais e avanço da cidade sobre áreas que deveriam estar protegidas. No Cantareira, uma das principais ameaças é a pressão imobiliária. “Com os condomínios chegando cada vez mais perto, o zoneamento muda e a área urbana avança sobre a área rural. Os regramentos são diferentes e a perda de natureza se torna muito mais frequente”, alerta Karam.

A natureza, aliás, pode ser uma aliada contra a escassez. Karam cita um exemplo do Paraná: durante a estiagem de 2020 em Curitiba, micro-bacias com cobertura vegetal acima de 50% mantiveram a vazão dos rios praticamente estável, com queda de, no máximo, 10%. Nas áreas degradadas, a vazão despencou pela metade. A vegetação age como uma esponja. “O solo, as raízes, a biomassa retêm água e vão soltando gradativamente para o

sistema”, explica. O problema é que reconstruir essa esponja natural leva tempo — em geral, pelo menos cinco anos até que o solo comece a reter água de forma mais eficiente.

Há caminhos que não passam necessariamente por plantar árvores. Karam menciona programas de agricultura sustentável que ajudam produtores a cuidar do solo, evitando deixá-lo exposto e construindo barragens e curvas de nível. O ecoturismo também entra na conta: a região do Cantareira, próxima à capital e com paisagem preservada, tem opções de turismo de natureza ainda incipiente que poderiam ganhar força. “Isso faria com que proprietários rurais entendessem que o turismo vinculado à agricultura sustentável também pode trazer renda e evitaria que vendessem suas terras para condomínios”, afirma. A lógica é criar valor para quem vive na zona rural, de modo que preservar faça mais sentido econômico do que desmatar.

Enquanto essas soluções amadurecem, as medidas de curto prazo precisam ser acionadas. A principal estratégia em vigor é a redução da pressão

O nome da IA - neste ano

CEO e cofundador da Nvidia, Jensen Huang comandou a ascensão da empresa, que chegou a US\$ 4 trilhões em valor de mercado, e foi eleito a personalidade de 2025

Um dos nomes mais influentes deste ano é do CEO e cofundador da Nvidia. Jensen Huang foi eleito Personalidade do Ano pelo jornal britânico Financial Times. E também faz parte da Personalidade do Ano eleita pela revista Time. Desta vez, a publicação elegeu um grupo que batizou de “Arquitetos da Inteligência Artificial”. E entre eles está Huang. Nos dois casos, o argumento central é praticamente o mesmo: sob sua liderança, a Nvidia tornou-se a infraestrutura essencial da revolução da IA, uma tecnologia que tem impacto direto na economia, na geopolítica e na vida cotidiana.

Em julho, a Nvidia atingiu um marco inédito ao alcançar US\$ 4 trilhões em valor de mercado. O patamar foi alcançado após uma valorização acelerada das ações da Nvi-

dia, impulsionada pela demanda global por seus chips de alto desempenho, considerados hoje o principal hardware para treinar sistemas avançados de IA. Google, Microsoft, OpenAI e outras gigantes disputam capacidade de fornecimento da empresa, em um dos maiores ciclos de investimento privado em tecnologia já registrados.

Huang nasceu em Tainan, Taiwan, em 1963, e viveu uma infância marcada por deslocamentos. A família mudou-se para a Tailândia quando ele era pequeno e, aos nove anos, Jensen e o irmão foram enviados aos Estados Unidos para viver com parentes. Passou por um internato no Kentucky antes de se estabelecer no Oregon, onde concluiu o ensino médio. Trabalhou como garçom em um restaurante enquanto se formava em engenharia elétrica pela Oregon

Nascido em Taiwan, Huang mudou-se para os EUA aos nove anos. Ele fundou a Nvidia aos 30

State University. Mais tarde, obteve o mestrado na área pela Universidade Stanford, fixando-se definitivamente na Califórnia.

Antes de fundar a Nvidia, Huang atuou na indústria de semicondutores, com passagens pela LSI Logic e pela AMD, atuando como designer de microprocessadores. Em 1993, aos 30 anos, fundou a Nvidia ao lado dos sócios Chris Malachowsky e Curtis Priem. O objetivo inicial era desenvolver chips gráficos para videogames. A aposta, vista como arriscada à época, partia de uma convicção: Huang acreditava que as arquiteturas tradicionais de chips não acompanhavam as exigências crescentes da computação e que as GPUs (unidades de processamento gráfico capazes de realizar muitos cálculos ao mesmo tempo) dariam vantagem competitiva no cenário que se construía.

A estratégia se mostrou decisiva. A Nvidia passou a liderar a computação acelerada e, ao longo de três décadas, construiu a base técnica que hoje sustenta a IA moderna. “A tecnologia que levamos 30 anos para inventar está agora mudando, de forma fundamental, toda a computação”, declarou Huang ao Financial Times.

Para a Time, os “Arquitetos da IA” são pessoas que tomam decisões capazes de reorientar políticas públicas, alterar disputas geopolíticas e levar sistemas inteligentes para o cotidiano das pessoas. Huang se encaixa nesse quadro. O grupo desses “arquitetos” é composto por Sam Altman (CEO da OpenAI), Elon Musk (CEO da xAI), Demis Hassabis (CEO do Google DeepMind), Dario Amodei (CEO da Anthropic), Lisa Su (CEO da AMD), Mark Zuckerberg (CEO da Meta) e Fei-Fei Li, pesquisadora da Universidade Stanford. Por sinal, Lisa Su é uma prima distante de Huang.

O reconhecimento do CEO da Nvidia vem acompanhado de controvérsias. O avanço da IA levanta debates sobre consumo de energia, concentração de poder, desaparecimento de empregos e impactos sociais. Ainda assim, 2025 ficou marcado como o ano em que a IA irrompeu “sem retorno”, e a Nvidia consolidou-se como o centro dessa transformação. ■



DIVULGAÇÃO

Hora de sorrir

Após uma temporada de desafios, Corinthians e Vasco disputam, no Maracanã, o título da Copa do Brasil; no primeiro jogo deu empate

André Ruoco

A grande decisão da Copa do Brasil 2025 será disputada neste domingo, 21, às 18h. De um lado estará o Corinthians. Do outro, o Vasco da Gama. O palco do confronto será o Maracanã, no Rio de Janeiro. Em jogo, está mais do que a taça. A conquista do título fará com que uma das duas torcidas apaixonadas possa explodir em festa ao fim de uma temporada marcada por desafios.

A disputa já começou na quarta-feira, 17. As equipes se enfrentaram no jogo de ida e ficaram no empate sem gols. Com isso, o título permanece em aberto. Uma vitória simples de qualquer lado garante a faixa de campeão, enquanto

um novo empate levará a decisão para a sempre temida disputa de pênaltis.

Em busca do quarto título da competição e tentando coroar um ano considerado complicado, sobretudo no aspecto administrativo, marcado por problemas políticos que assombram o Parque São Jorge, o Corinthians aposta no talento do craque Memphis Depay. O camisa 10 do Timão soma impressionantes 34 participações em gols na temporada, com 20 bolas na rede e 14 assistências, considerando os números pelo clube paulista e pela seleção da Holanda.

O Vasco, por sua vez, busca o segundo título da Copa do Brasil e sonha em encerrar um jejum de 14 anos sem conquistar uma taça nacional. A última foi justamente a Copa do Brasil, em 2011. Para ficar com o troféu, o torcedor deposita suas esperanças no jovem e talentoso Rayan, de apenas 19 anos, atualmente considerado um dos principais destaques da equipe. O atacante virou até tema de música do MC Darlan, já cantada pela torcida no Maracanã. No embalo de “Oi, boa noite... Será que vai ter gol do Rayan hoje?”, o cruz-maltino sonha em voltar a levantar a taça.

O duelo também pode de reservar a emoção dos pênaltis e, nesse cenário, a segurança dos goleiros será determinante. Para ambos os lados, a boa notícia é a excelente fase vivida pelos atletas da posição.

Hugo Souza é o dono da meta corintiana, goleiro de seleção brasileira e um dos líderes do elenco. Ao longo da temporada, já mostrou sua qualidade em cobranças decisivas, mas o feito mais recente veio na semifinal contra o Cruzeiro, quando defendeu dois pênaltis, cobrados por Gabigol e Wallace, sendo decisivo para a classificação alvinegra.

Do lado cruz-maltino, Léo Jardim é o paredão. O Vasco também precisou dos pênaltis na semifinal para chegar à decisão, e o camisa 1 teve papel determinante ao defender as cobranças de John Kennedy e Canobbio.

Às vésperas da grande final da Copa do Brasil, uma certeza está em jogo: Corinthians e Vasco entram em campo movidos por algo que vai além da taça. São duas torcidas acostumadas a transformar dificuldades em apoio incondicional, e que agora enxergam no jogo decisivo a chance de virar a página e escrever uma nova história. Para a Fiel e para a torcida cruz-maltina, a final representa a possibilidade de voltar a sorrir, comemorar e lembrar por que o futebol ainda é capaz de unir tanta paixão em torno de um mesmo sonho. **E**



Rayan (à esq.) é uma das armas do Vasco para o jogo decisivo.

O Corinthians aposta no talento de Memphis Depay





A **Nino Cucina** lançou panetone artesanal de fermentação natural de longa maturação. O Panettone Nino (ao lado, R\$ 179, 1 kg) tem as versões Nocciola Crunch, com gotas de chocolate, creme de nocciola italiana e cobertura de chocolate ao leite; e Pistache, com creme de pistache, chocolate branco e pistaches tostados (@nincucina).



FOTOS DIVULGAÇÃO

Doce maratona

Quer um panetone diferente? Confira 15 lançamentos que chegaram este ano ao mercado

Beatriz Mizuno

Na temporada de festas de fim de ano, o consumidor passa por uma maratona de lançamentos de panetone em confeitorias, restaurantes e casas especializadas, fora os produtos vendidos às pencas em super-

mercados. Com massas de fermentação natural e ingredientes selecionados, as opções vão de sabores indulgentes com chocolate e recheios cremosos a combinações de frutas fora do óbvio, como caju, figos e até tomate.

Confira uma seleção de 15 panetones lançados em 2025



A **Bacio di Latte** se destaca com o Panettone Gianduia (R\$ 169,95, 680 g) feito com massa de fermentação natural e recheado generosamente com o creme Bella Gianduia, com combinação de cacau e avelã. O produto é vendido em uma lata quadrada decorativa, ideal para presentear (@baciolatite).



A **Joya Boulangerie**, da chef Isa Honda, lançou uma linha de panetones com fermentação lenta. São quatro sabores de 500 g cada: os tradicionais Frutas Cristalizadas e Chocolate ao Leite (ambos por R\$ 128) e os autorais Cacau & Laranja — que combina massa de cacau, gotas de chocolate e laranja cristalizada — e Matcha, Frutas Vermelhas & Chocolate Branco, com frutas vermelhas liofilizadas e gotas de chocolate branco (R\$ 137 cada). Encomendas na loja (@joyaboulangerie).



A **Hanami**, de Cesar Yukio, campeão do "MasterChef Confeitaria 2024", criou uma linha com técnicas da confeitaria japonesa, como o Panetone de frutas com ganache de yuzu. Preços vão de R\$ 89 a R\$ 189 (@hanamiconfeitaria).



O destaque na **Dengo** é o Panetone Artesanal de Caju (R\$ 279,90, 500 g), de fermentação natural com ingredientes brasileiros. A massa recebe pedaços de caju glaceado, suco concentrado e gotas de chocolate. A receita ainda tem toque suave de cumaru (@dengochocolates).



O **Rosewood São Paulo** e a loja pop-up da confeiteira Saiko Izawa têm dois panetones de fermentação longa: frutas (pedaços e pasta de abacaxi, cumaru e uvas-passas) e chocolate (massa de cacau, gotas de chocolate 45%, chocolate branco e laranja cristalizada). Cada, R\$ 390 ([@rosewoodsaopaulo](https://www.rosewoodsaopaulo.com.br)).



A **Oli Pizza**, de Olivia Maita, lançou quatro panetones de fermentação natural: Emilia-Romagna (R\$ 289), com chocolate belga e cereja amarena; Campania (R\$ 239), com tomate confitado e glaze italiano; Sicília (R\$ 289), com tâmaras, pistache e cítricos; e Lombardia (R\$ 239), em parceria com a Hagi, com torrone ([@olipizza.sp](https://www.olipizza.sp)).



A **Cenoradas**, especializada em bolos de cenoura, estreia sua linha Ho Ho Hug, com destaque para o Cenotone, panetone feito com massa de bolo de cenoura e disponível nos sabores Brigadeiro ao Leite, Doce de Leite e Dois Amores (R\$ 65,90, 500 g). A coleção também inclui presentes temáticos ([@cenoradas](https://www.cenoradas.com)).



Na **Noir Chocolates**, a estrela é o Panettone Trufado Caramelo (R\$ 145,90, 750 g), com gotas de chocolate ao leite, recheio cremoso de caramelo e cobertura de chocolate ao leite. A marca também conta com uma série de itens presenteáveis elaborados a partir de cacau cultivado na Amazônia ([@noirchocolates_](https://www.noirchocolates.com)).



A **Chocolat du Jour** oferece o Panettone au Chocolat, receita tradicional da casa que ganhou cobertura com lascas de amêndoas. Feito com massa de cacau e gotas de chocolate, é oferecido em duas versões: 500 g, por R\$ 190, e 908 g, a R\$ 250 ([@chocolatdujour](https://www.chocolatdujour.com.br)).



Em parceria inédita, a **Basilicata** e a forneria **Qui o Qua** apresentam um panetone feito com massa artesanal de fermentação natural, pedaços de limão siciliano e recheio de limoncello. A novidade vem em lata comemorativa, com produção limitada. O panetone é vendido nos endereços das duas marcas por R\$ 179 ([@basilicata_oficial](https://www.basilicata_oficial) e [@quioqua](https://www.quioqua.com)).



Entre os lançamentos da **Lindt** está o Panettone Triplo Pistache com Chocolate Branco (R\$ 299,99, 900 g), produzido artesanalmente e elaborado com pistaches inteiros na massa, recheio cremoso e cobertura de chocolate branco enriquecida com pistaches ([@lindt_brasil](https://www.lindt_brasil)).



A **Ofner** traz dois lançamentos com massa de tripla fermentação natural. O Panettone Torta de Morango (R\$ 169,90, 1 kg) tem morangos glaceados, recheio de baunilha e cobertura de chocolate branco com morangos liofilizados e castanhas. O Panettone Biscofner (R\$ 169,90, 1 kg) tem creme de bolacha Biscoff ([@ofner](https://www.ofner.com.br)).



A **ESA**, da Calimp Importadora, tem uma linha com fermentação natural de 48 horas e ingredientes como manteiga francesa Isigny Ste Mère e chocolate República del Cacao. Em edição de 1 kg (R\$ 299), os sabores incluem Figo Cristalizado & Amêndoas, Framboesa Cristalizada & Chocolate Branco ([@calimp_importadora](https://www.calimp_importadora.com.br)).

Emicida em modo maior

Com o álbum "Emicida Racional VL 2 – Mesmas Cores & Mesmos Valores", o artista homenageia Racionais MCs e suas origens, em uma viagem íntima, sensível e sensorial

Lena Castellón

Seis anos depois do bem-sucedido "Amarelo" (2019), Emicida lança "Emicida Racional VL 2 - Mesmas Cores & Mesmos Valores", álbum em que o artista presta homenagem aos Racionais MCs, ícones do rap e inspiradores de muitos nomes da música brasileira, como o próprio Emicida, nascido Leandro Roque de Oliveira. Na discografia do grupo composto por Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e KL Jay, "Cores & Valores", de 2014, é a quarta obra gravada em estúdio – e também a última. As canções desse álbum embalam o novo projeto de Emicida.

O rapper evoca o escritor argentino Julio Cortázar para falar do momento do novo álbum. Como Emicida pontua em texto sobre o trabalho, o autor dizia que passou por três etapas em sua trajetória: estética, metafísica ("busca pelo ser e pela razão de ser") e histórica. Esse caminho está sendo percorrido pelo artista, paulistano da zona norte. Enquanto a fase estética era a dos freestyles e das primeiras mixtapes, os discos "O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui" (2013), "Sobre Crianças, Quadrilhas, Pesadelos e Lições de Casa" (2015) e "Amarelo" representam a metafísica.

"A última fase é esta em que acredito estar entrando agora: a histórica, em que me comprehendo como a parte mais recente de grandes movimentos imaginativos produzidos por 'nóiz' enquanto povo ao longo de toda a história desse pedaço de chão que hoje chamamos de Brasil", conta.

Ele reforça que a proposta de homenagear o grupo que durante toda a vida o inspirou é uma maneira de enviar um "obrigado" aos mestres. "Se Mano Brown diz que sua vida foi sal-

va pelo Public Enemy, foi o Racionais quem salvou Emicida", destaca. Para o projeto, o rapper convidou dois artistas, parceiros de batalha de rima, e que o acompanharam em show dos Racionais na praça da Sé, em 2007: Rashid e Projota, dois artistas também da zona norte de São Paulo. Outro convidado é Amaro Freitas, pianista recifense. E há ainda um parceiro antigo, DJ Nyack. As fotos do álbum são de Walter Firmino.

"Mesmas Cores & Mesmos Valores" é composto por dez faixas – e uma delas com direito a clipe. Já disponível no YouTube, "Quanto vale o show mesmo?" é uma animação com direção de Pedro Conti e Diego Maia e roteiro da dupla com Emicida. É impossível não notar mais uma parceria na produção do trabalho: a natureza. Por todo o disco, ouvem-se pássaros, sons de ambiente externo e até caminhadas por seixos. São ruídos naturais captados na casa de Emicida, na serra da Cantareira, onde "Mesmas Cores & Mesmos Valores" foi gravado.

Dona Jacira

E, por falar de história e de origem, a primeira canção presta outra grande homenagem. Em "Bom dia né gente? (ou saudade em modo maior)", a música tem sua força em áudios de dona Jacira, escritora, artista plástica e mãe do rapper, que morreu neste ano. A série de comentários, frases, mensagens cotidianas, como "Precisa comprar alguma coisa especial para esse seu povo vegetariano?" e "Acho que estamos em dois mundos diferentes porque aqui está um sol danado", é tão impactante que é

inevitável a emoção. No fim, ouve-se o choro de Emicida.

Em seu perfil na mídia social, o rapper explica que a intenção do álbum "Mesmas Cores & Mesmos Valores", desde o primeiro momento, foi criar uma espécie de viagem interna. "É como um jogo investigativo. Ele cria sensações e colocando imagens na cabeça". Para o artista, o rap fica em uma linha tênue entre arte e comunicação. Com o novo trabalho, Emicida faz, de fato, uma viagem interna muito profunda. Íntima e carregada de sentimentos. ■

Emicida mergulha nas canções dos Racionais e revive sua história

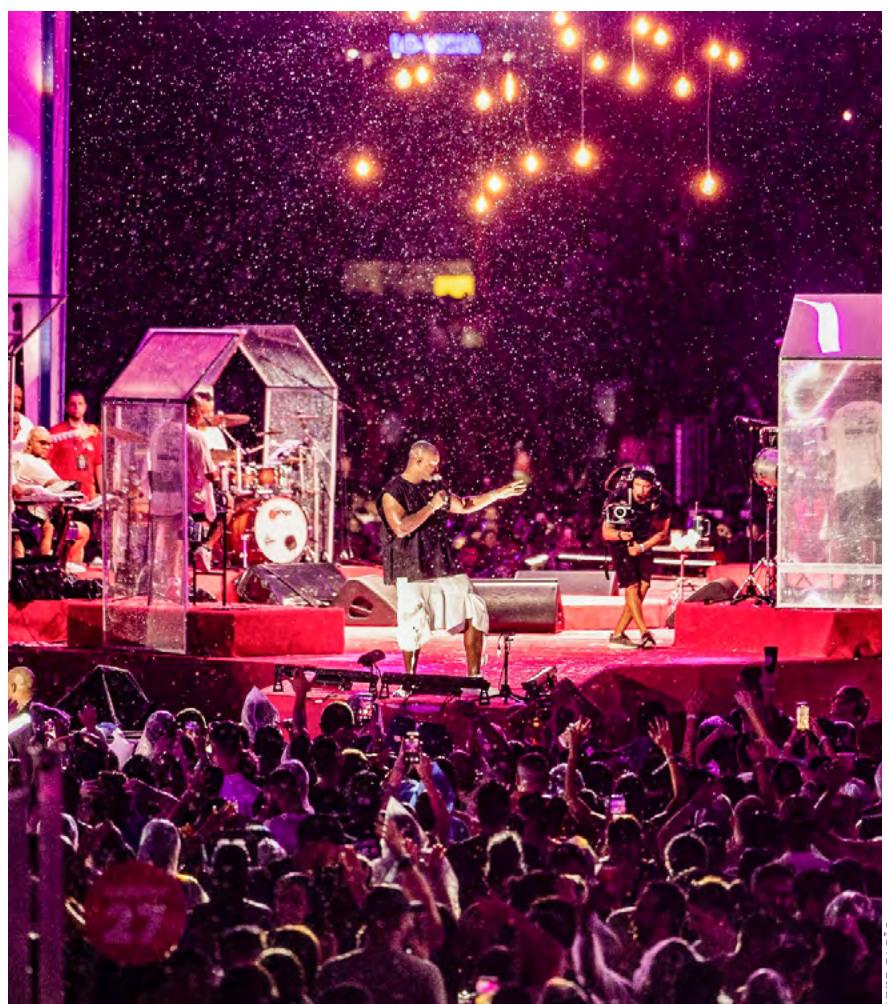
REPRODUÇÃO INSTAGRAM



O fenômeno Tardezinha

Como o festival de Thiaguinho, que nasceu para ser à beira de uma piscina, virou a "Disneylândia do pagode"

Bruno Pavan



Divulgação

Em dez anos, o projeto de Thiaguinho atingiu receita total de R\$ 1,5 bilhão

Foi em 2015 que Rafael Zulu, ator que se tornaria empresário, deu uma ideia para o cantor Thiaguinho, seu amigo, que daria um novo impulso a sua carreira. Naquela época, ele estava em carreira solo. Fazia três anos que tinha deixado o grupo Exaltasamba. A proposta: fazer uma apresentação em formato de roda de pagode em um

ambiente mais intimista, à beira de uma piscina. Nascia a Tardezinha.

Desde então o negócio cresceu e, em uma década, o projeto se tornou um fenômeno de popularidade e rentabilidade. Atingiu a receita total de R\$ 1,5 bilhão. Somente em 2025 foram mais de R\$ 300 milhões de faturamento, público superando 900 mil pessoas e shows em

22 cidades do Brasil e no exterior: Miami, Luanda, Sidney e Lisboa. Os sócios se espelham na Disneylândia para continuar repetindo o sucesso.

Para colocar o projeto nos trilhos, Zulu e Thiaguinho formaram sociedade com Renan Coelho e Rafael Liporace, que se tornou CEO da Tardezinha. Daquela ideia em 2015, ela ganhou dimensão e é considerada a maior turnê do país, superando a despedida da dupla Sandy e Júnior.

“Eu falei com o Thiago, que também é um idealizador, que topou na hora. Sem ele acreditar, a ideia não teria saído do papel. Conversei com o Renan e ele falou que toparia se pudesse chamar o Liporace. No primeiro contato com Renan, eu ouvi uma frase que não esqueci: ‘talvez a gente esteja à frente do maior projeto de entretenimento do Brasil’. E estamos aqui hoje”, conta.

A edição 2025 da turnê, na comemoração dos dez anos, teve início no Rio, no Engenhão, em abril. O encerramento da temporada foi dividido em duas apresentações. A primeira foi no sábado, 13, no Parque Olímpico, na capital fluminense. O show foi acompanhado por 80 mil pessoas e Thiaguinho esteve no palco por mais de seis horas, reunindo os grandes sucessos da carreira e clássicos do pagode.

A segunda apresentação da despedida da turnê 2025 será neste domingo, 20, em São Paulo, no Autódromo de Interlagos. “Encerrar a temporada de dez anos da Tardezinha no Parque Olímpico e no Autódromo de Interlagos é motivo de muita alegria e orgulho. Os maiores festivais do mundo, com dezenas de artistas nacionais e internacionais, ocupam esses espaços. Estar presente nesses locais com uma roda de pagode é muito representativo para mim”, declara Thiaguinho.



Com Thiaguinho no palco, o projeto recebe convidados, sem alterar o formato

O CEO da Tardezhinha reforça essa avaliação: "Os palcos que são ocupados por inúmeros artistas nacionais e internacionais estão recebendo um festival que é comandado por um único artista e que tem levado uma multidão por onde passa. É, sem dúvida, um momento histórico para o pagode", comenta.

Além das duas capitais e do giro internacional, a turnê de dez anos passou por Curitiba, Vitória, Recife, Belém, Belo Horizonte, São Luís, Campinas, Campo Grande, Maceió, Manaus, Brasília, Natal, Florianópolis, Londrina, Goiânia, Niterói, Salvador, Fortaleza, Porto Alegre e Ribeirão Preto. A Tardezhinha é realizada e produzida pela Fábrica Entretenimento, Paz & Bem Entretenimento, Avera e RZ Produções.

Pensando grande

Quando foi convocado por Zulu, Thiaguinho e Coelho para o projeto, dez anos atrás, Liporace era professor de publicidade e propaganda da ESPM e tinha uma agência de eventos. Já naquele momento, enxergou um grande potencial na proposta.

"A gente via que esse negócio poderia ser grande e enxergamos ele assim. Nós não o víamos como uma festa pontual, em volta da piscina, mas uma coisa grande. Hoje, a gente tem um tamanho que permite sermos assunto em rodas da Faria Lima, mas pensando nas premissas e características de gestão e cultura de quando éramos pequenos", explica.

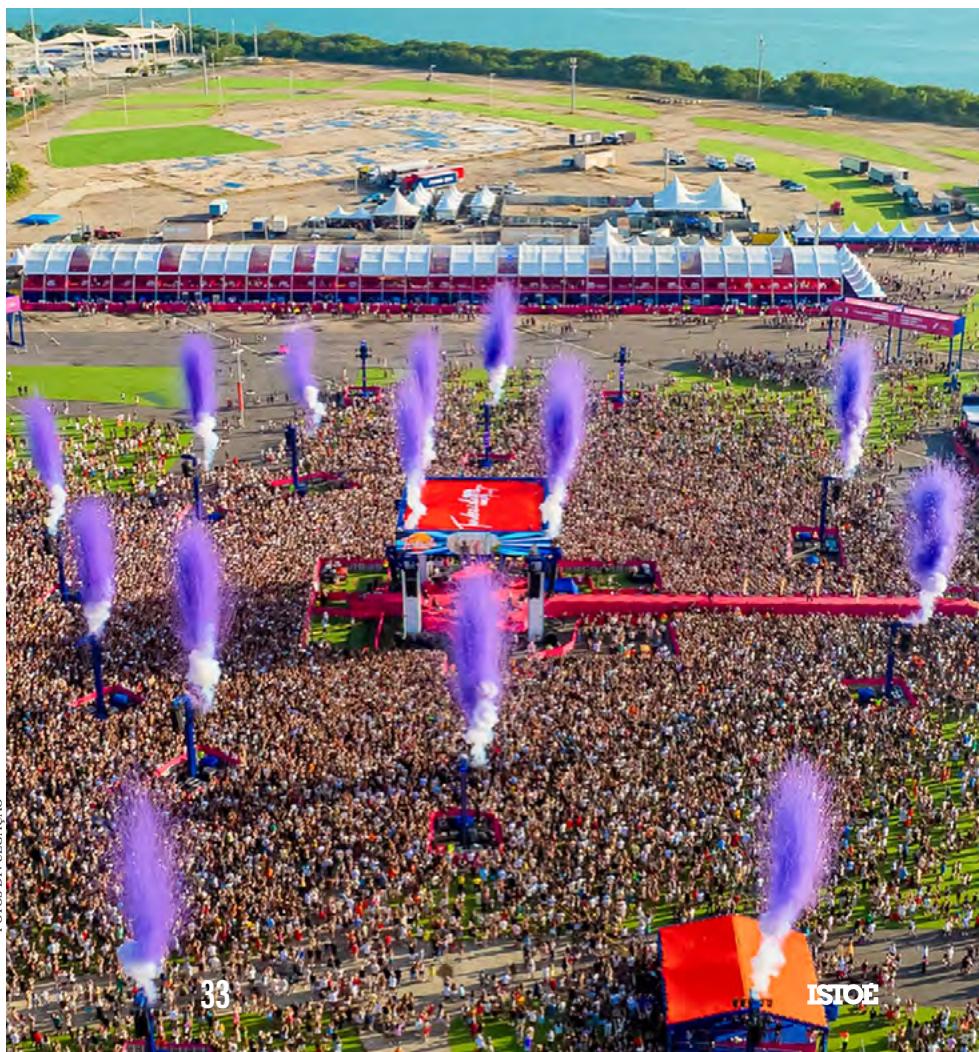
A Tardezhinha segue basicamente a mesma fórmula: uma roda de samba, com um palco 360 graus, onde Thiaguinho convida nomes importantes do pagode para um show que geralmente dura mais de quatro horas. Por conta disso, Liporace explica que a ideia en-

tre uma turnê e outra não é focar em inovação, mas em ampliação.

"A nossa inspiração é a Disney, pela percepção do consumidor. Se você à Disney em Paris, verá que ela não é igual à Disney de Orlando, que não é igual à da Califórnia, que não é igual à Disney da Ásia. Mas você se enxerga dentro da Disney. O castelo da Disney não muda todo ano. Ele está lá há 50 anos, mas muda o show, a projeção mapeada. As pessoas querem ir para ver o mesmo castelo", analisa.

Atualmente, a turnê conta com 18 parceiros, entre patrocínios master, oficiais, complementares e de mídia. O Grupo Petropolis, dono da marca Itai-pava, um dos detentores da cota master, afirma que são consumidos mais de 40 mil litros de cerveja por show, em média. Outra parceria é com a universidade Estácio, que lançou com a Tardezhinha um curso de pós-graduação em planejamento gestão de eventos. **E**

O encerramento da temporada teve show no Parque Olímpico, no Rio, com 80 mil pessoas



FOTOS DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

A família Sully inicia uma jornada que os colocará em confronto com outro clã

Mais um recorde?

"Avatar: Fogo e Cinzas" chega aos cinemas com a responsabilidade de manter a trilha de sucesso da franquia

Com um orçamento estimado em US\$ 400 milhões, sem falar de verbas de marketing, "Avatar: Fogo e Cinzas", de James Cameron, chega aos cinemas nesta semana, com uma missão particularmente desafiadora: seguir o ritmo de sucesso dos dois filmes anteriores. Não se trata exatamente de superar números, o que já seria gigantesco, pensando-se na popularidade da franquia. Mas ser o grande destaque do cinema na temporada.

O primeiro filme da franquia, "Avatar" (2009), é o recordista de bilheteria no mundo, com cerca de US\$ 2,9 bilhões acumulados – a vice-liderança global cabe a "Vingadores: Ultimato" (2019), do MCU (Universo Cinematográfico Marvel), com US\$ 2,797 bilhões. O segundo capítulo da saga do mundo de Pandora, "Avatar: O Caminho da Água" (2022), amealhou US\$ 2,3 bilhões. Foi a produção que mais faturou naquele ano, superando blockbusters como "Top Gun: Maverick".

Agora é a vez de "Avatar: Fogo e Cinzas" batalhar pelo topo do ranking de bilheteria de 2025, que tem em primeiro lugar a produção chinesa "Ne Zha 2: O renascer da alma". De acordo com os dados do Box Office Mojo, referência internacional sobre a arrecadação dos filmes, a animação já conquistou US\$ 1,9 bilhão. Outra animação, "Zootopia 2", vem na sequência, com US\$ 1,1 bilhão.

Com seus 197 minutos de duração, "Avatar: Fogo e Cinzas" retoma

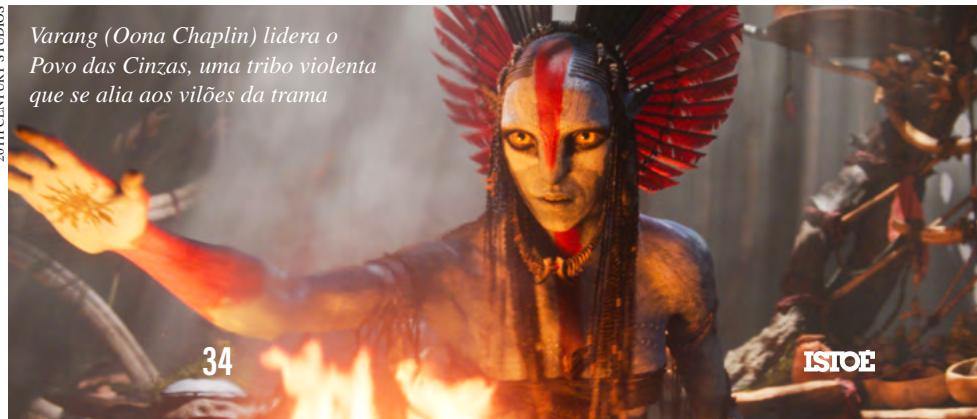
a história do povo Na'Vi e da família Sully que, em nova jornada, entremeada de criaturas e elementos diferentes, se confronta com outro clã, o Povo das Cinzas, que não é nada amistoso.

No terceiro capítulo da franquia, a história começa semanas após os acontecimentos de "Avatar: O Caminho da Água", que termina com a trágica morte de Neteyam (Jamie Flatters), o filho mais velho de Jake Sully (Sam Worthington), ex-fuzileiro naval que se tornou parte dos Na'Vi, e Neytiri (Zoe Saldaña). A forma como o clã passa pelo luto dará o tom do filme e vai ditar as ações dos personagens na trama, entre eles os humanos.

A relação do casal também chama atenção. Enquanto Jake se volta para a guerra e assume uma postura autoritária com os filhos, Neytiri se fecha em um casulo de ódio que a afasta dos demais. Kiri (Sigourney Weaver) se torna a filha mais velha enquanto busca respostas so-

20TH CENTURY STUDIOS

Varang (Oona Chaplin) lidera o Povo das Cinzas, uma tribo violenta que se alia aos vilões da trama





20TH CENTURY STUDIOS

Entre as novas criaturas estão os Nighthraiths, montaria alada do Povo das Cinzas

bre si mesma e Lo'ak (Britain Dalton) deve lidar com a culpa por sentir que causou a morte do irmão. Já o humano Spider (Jack Champion) passa a sentir que sua presença está desequilibrando o emocional da família que o adotou.

A maneira de enfrentar essa desordem leva os Sully a empreender nova aventura – e pelos ares. Para proteger Spider, a família decide levá-lo para a fortaleza dos Omatikaya, o clã da floresta de onde vem Neytiri. Para ir até lá, eles fazem uma aliança com o clã Tlalim. Inspirados em águas-vivas, eles têm mais de 150 metros de altura e funcionam como uma espécie de balão ao carregar gôndolas que levam os Na'Vi e suas mercadorias.

Tlalim. Inspirados em águas-vivas, eles têm mais de 150 metros de altura e funcionam como uma espécie de balão ao carregar gôndolas que levam os Na'Vi e suas mercadorias.

E há ainda outra espécie voadora, o Nighthraith (Espectro Noturno, em tradução livre), a montaria de Varang. A criatura tem quatro asas e um chifre, com um visual ameaçador que compõe o aspecto assustador da líder do Povo das Cinzas.

Outro momento que deve despertar emoções é a batalha que vai acontecer no terceiro capítulo da franquia. Como o designer de produção Ben Procter declarou para a revista Empire, a guerra entre os habitantes de Pandora e os humanos atingirá uma escala que não tinha sido vista nos dois filmes anteriores.

IA e as sequências 4 e 5

É inegável que "Avatar" procura entregar para o público uma experiência cinematográfica que encanta pelos recursos tecnológicos e pela beleza das imagens. Não é diferente com "Fogo e Cinzas". O esmero com o CGI, as cenas

criadas por computador, continua impactando. Na era da Inteligência Artificial (IA), ela teria vez com Cameron? Em recentes entrevistas, o cineasta declarou que não recorreria à IA como parte do processo criativo. O roteiro será sempre uma criação humana. E disse que acha "horripilante" atores criados pela tecnologia – o que jamais faria. Ele destaca, constantemente, a importância do elenco na produção. Belo é ver a atuação humana, defende.

No entanto, Cameron acredita que a IA pode ajudar a agilizar processos técnicos. Nesse sentido, a Inteligência Artificial pode ser um facilitador para Cameron acelerar a produção dos capítulos 4 e 5, sequências esperadas, mas que hoje o cineasta já não tem tanta certeza de conduzir – para finalizar "Fogo e Cinzas" foram necessários cinco anos depois do fim das filmagens. Portanto, a tecnologia poderia reduzir, além do tempo, os custos de produção, uma necessidade cada vez mais premente da indústria.

Mesmo sem ter estreado, o novo filme da franquia recebeu quatro indicações ao Oscar 2026: Melhor Trilha Sonora, Melhor Canção Original ("Dream as One", com Miley Cyrus), Melhor Som e Melhores Efeitos Visuais.

"Avatar: Fogo e Cinzas" tem roteiro de Cameron, Rick Jaffa e Amanda Silver. No elenco, estão ainda Stephen Lang (coronel Miles Quaritch), Kate Winslet (Ronal, Na'vi do clã Metkayina, o Povo das Águas), Cliff Curtis (Tonowari, companheiro de Ronal), Bailey Bass (Tsireya, ou Reya, filha dos líderes do clã Metkayina, Ronal e Tonowari) e Trinity Bliss (Tuktirey ou Tuk, a caçula dos Sully). **E**

20TH CENTURY STUDIOS

Novidade na trama, o clã Tlalim é conhecido como "wind traders", ou "comerciantes do vento"



Novas criaturas

Como é de se esperar na franquia, novas criaturas do planeta Pandora são apresentadas. Entre as espécies que prometem surpreender o público estão os Medusóides, seres aéreos que servem de meio de transporte para o clã

Gerações conectadas

Remakes e continuações de títulos famosos, estratégia da Globo para suas novelas, são uma maneira de unir memória afetiva e novas audiências

Letícia Sena

Em um momento de profundas transformações no consumo de conteúdo e de concorrência cada vez mais intensa com as plataformas de streaming, a TV Globo tem adotado uma estratégia que combina nostalgia e inovação para manter a relevância de sua dramaturgia. A emissora atua em duas frentes principais: remakes de clássicos que marcaram época e possíveis continuações de novelas consagradas, capazes de expandir universos já conhecidos do público.

Nos últimos anos, a Globo revisitou obras icônicas como “Pantanal” (2022), que se tornou um dos maiores fenômenos recentes do horário nobre, e “Renascer” (2024), elogiada tanto pela audiência quanto pela crítica. Em 2025, a nova versão de “Vale Tudo”, título que entrou para a história da TV brasileira por sua força narrativa e pelo debate social que propôs, mobilizou o país mais uma vez em torno dos personagens, sobretudo Odete Roitman, desta vez papel de Débora Bloch. Paralelamente, ganhou es-

paço a sequências de tramas de grande sucesso. É o caso de “Êta Mundo Melhor”, desdobramento de “Êta Mundo Bom” que está no ar desde junho e que deve ser encerrado em março de 2026. E vem aí a continuação de “Avenida Brasil”. A Globo encomendou a sequência desse folhetim de 2012 ao autor João Emanuel Carneiro. A ideia é que a novela seja exibida em 2027.

Com essas escolhas estratégicas, a Globo busca reconquistar uma parcela do público que migrou para as plataformas digitais, ao mesmo tempo em que apresenta a novas gerações histórias que fazem parte da memória afetiva brasileira. Para Catarina Flório, media strategy director da WPP Media Services, a combinação entre nostalgia e inovação é eficaz justamente por unir familiaridade e descoberta. A memória do público cria um vínculo imediato, enquanto as atualizações de linguagem, ritmo e valores funcionam como porta de entrada para novas audiências. Segundo a especialista em mídia, quando uma história é revisitada com um olhar



“Avenida Brasil” teve encomendada sua sequência ao autor João Emanuel Carneiro; a previsão de estreia é 2027

contemporâneo, ela dialoga tanto com quem acompanhou o original quanto com quem passa a conhecê-la na nova apresentação, ampliando seu alcance de forma orgânica.

Carolina ressalta ainda que a memória afetiva é um ponto de partida poderoso, mas não garante sozinha o sucesso de uma produção. Ela desperta curiosidade, sentimento de pertencimento e o desejo de reviver algo marcante, porém o engajamento real depende da capacidade de reinterpretar a narrativa. Quando o público percebe que aquela trama foi atualizada para refletir questões e sensibilidades do presente, a nostalgia se transforma em envolvimento contínuo.

Em um cenário mais dominado pelo streaming, a especialista aponta que a TV aberta mantém um papel central como espaço de encontro coletivo. Embora as plataformas digitais ofereçam autonomia ao espectador, a televisão ainda concentra o ritual social de assistir junto, comentar e reagir em tempo real. As novelas, segundo ela, ocupam esse lugar simbólico e, quando bem articuladas com as redes sociais, passam

a existir de forma híbrida, combinando o impacto do ao vivo com a força do ambiente digital.

Ao analisar o êxito de remakes como “Pantanal” e “Renascer”, Catarina aponta que a força do nome original funciona como um convite inicial. O público é atraído pela lembrança, mas permanece pela relevância da nova versão. Em sua visão, o desafio está em traduzir a essência do clássico para o presente, ajustando valores, linguagem e estética, sem descharacterizar a obra.

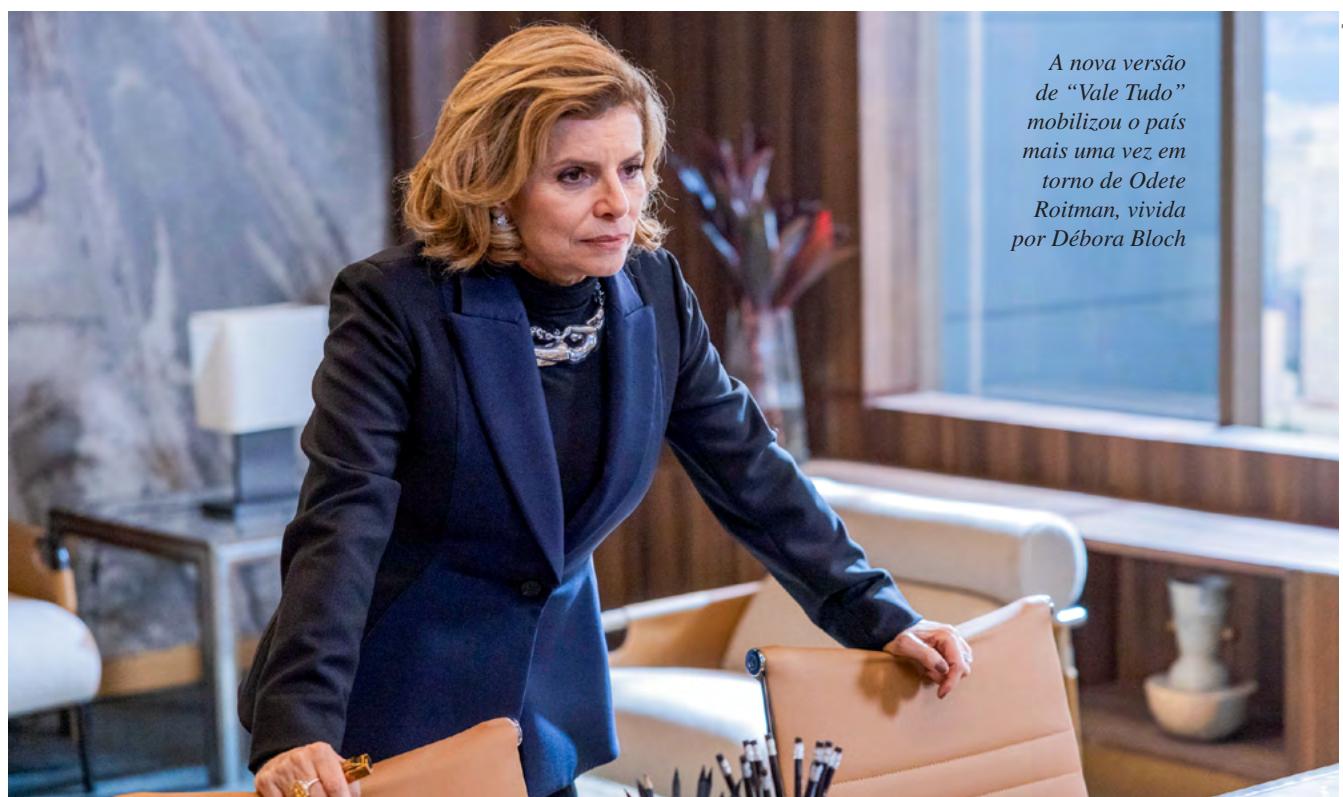
Sobre a possibilidade de continuações de novelas consagradas, a especialista destaca que os riscos são diferentes dos enfrentados pelos remakes. Expandir universos conhecidos exige coerência narrativa e emocional, além de profundidade na construção dos personagens. O principal perigo é depender excessivamente da nostalgia e perder o frescor criativo, transformando a sequência em um exercício limitado à memória afetiva.

Quando o título carrega um legado forte, a expectativa do público tende a ser ainda maior. Nesse contexto, a estratégia de comunicação precisa equi-

librar inovação e respeito ao original. A divulgação desse produto deve reconhecer o valor simbólico da obra, mas apresentá-la como algo alinhado ao seu tempo, seja no tom nos conteúdos paralelos ou na forma de dialogar com o público nas redes sociais.

Do ponto de vista de construção de marca, revisitá histórias icônicas reforça a imagem da Globo como produtora de conteúdo premium e referência em dramaturgia. Esse movimento demonstra que a emissora entende o valor de seu acervo e sabe reposicioná-lo em um novo contexto de consumo. Trata-se, segundo Catarina, de um gesto que combina confiança, memória cultural e reinvenção criativa.

Olhando para o futuro, a executiva acredita que o público seguirá aberto tanto a narrativas inéditas quanto a novas versões de clássicos. Para ela, o fator decisivo não está em repetir fórmulas, mas em reinterpretá-las com propósito, consistência e relevância. “O futuro da dramaturgia não está em escolher entre o velho e o novo, mas em encontrar novas formas de contar histórias que continuam verdadeiras”, ressalta. ■

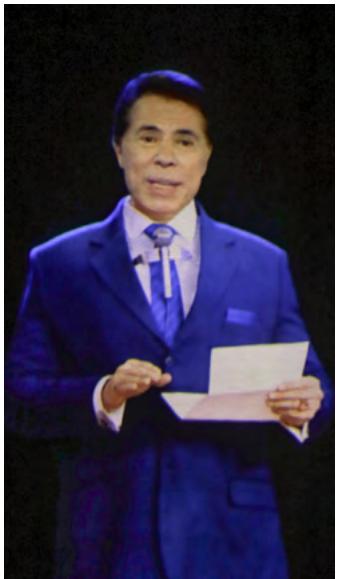


A nova versão de “Vale Tudo” mobilizou o país mais uma vez em torno de Odete Roitman, vivida por Débora Bloch

DIVULGAÇÃO

Estreia polêmica

SBT inaugura canal de jornalismo, recebe autoridades políticas no lançamento, causa reações negativas e tem programa especial de Natal cancelado



No dia em que Silvio Santos faria 95 anos, o SBT promoveu um evento para lançar seu canal de jornalismo, o SBT News. Na sexta-feira, 12, a empresa recebeu autoridades políticas de diferentes vertentes em um acontecimento que provocaria reações e polêmicas futuramente, mas naquele momento tudo era apenas festa. Daniela Abravanel Beyruti, presidente do SBT, abriu o evento, relembrou histórias do pai, Silvio, e disse que a inauguração dessa estrutura, com 24h de notícias – com estreia na segunda-feira, 15 – é a realização de um sonho. “Estamos comprometidos em entregar um jornalismo com qualidade, responsabilidade, imparcialidade, excelência e veracidade”, declarou.

Entre os convidados estavam o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT),

o vice Geraldo Alckmin (PSB), o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos) e o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB). O evento contou também com Alexandre de Moraes, convidado como vice-presidente do Supremo Tribunal Federal. Todos subiram ao púlpito para falar, palavras que foram exibidas em transmissão pelo YouTube.

Um ponto alto da noite foi a “aparição” do próprio Silvio Santos. Um holograma, com a voz do comunicador (criada por IA), fez um discurso, salientando que, hoje, “a informação correta, profissional é essencial para as pessoas crescerem e conviverem bem umas com as outras”.

Outra filha do empresário, Renata Abravanel, presidente do conselho do Grupo Silvio Santos, reforçou o compromisso com o público e o pac-

to com o país. E Fábio Faria, marido da apresentadora Patrícia Abravanel e ex-ministro das Comunicações de Jair Bolsonaro, responsável pela implementação do canal, acrescentou: “O SBT News não tem partido, não tem lado. E a presença de vocês mostra isso”.

Pois esse convívio propalado pelo Silvio Santos criado por IA foi desafiado. Nas redes, travou-se um debate, com críticas raivosas, alegando uma suposta insatisfação de Silvio com os representantes políticos no evento. E houve a reação contrária, mostrando o empresário com vários presidentes do país – vale lembrar que, na inauguração do SBT, em 1981, foi criado um programa na grade chamado “A semana do presidente”, que estreou com o general João Figueiredo.

O cenário se agravou com um vídeo do sertanejo Zezé Di Camargo, que esbarrilhou nas redes por causa de alguns dos convidados (sem mencionar nomes) e pediu para não levarem ao ar seu especial de Natal, que seria exibido na quarta-feira, 17. Ele fez afirmações como “filho que não honra pai e mãe para mim não existe” e “amo o SBT, mas acho que vocês estão se prostituindo”.

Daniela Beyruti divulgou comunicado: “Minha família tem sido alvo de críticas, antes mesmo de apresentarmos a nossa proposta para o SBT News. Isso é exatamente o que queremos combater: a falta de diálogo entre um povo que tem muitas virtudes e que amamos tanto. (...) Lamento a forma como temos sido mal interpretadas”.

Houve negociações entre as partes, Zezé voltou as redes dizendo que não quis ofender as mulheres da família. Mas o SBT exibiu no lugar do especial, que se chamava “É amor”, o capítulo “O Fim de Ano do Chaves”, que nunca havia ido ao ar no Brasil desde que a atração estreou no SBT, em 1984. Nas redes, a emissora capitalizou: “Você pediu e o SBT atendeu! Vai ter Chaves sim”. Por sua vez, Zezé teve um show cancelado na cidade de São José do Egito (PE) que aconteceria na Festa de Reis, em 4 de janeiro. Ele seria pago por verba pública e o cachê previsto era de R\$ 500 mil. ■

Filmes e séries

Estreias até o Natal

Entre esta semana e o Natal, destaques para "Nouvelle Vague" e "Anaconda" no cinema. Nas plataformas, tem final de reality e esporte ao vivo.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Em cartaz no cinema

"Nouvelle Vague"

Dirigido por Richard Linklater, o filme mostra os bastidores da criação de uma obra-prima do cinema, "Acossado" (1959). A trama, com estreia nesta semana, foca no jovem cineasta Jean-Luc Godard (Guillaume Marbeck) e no processo revolucionário que deu origem ao movimento Nouvelle Vague.

"Asa Branca - A Voz da Arena"

Cinebiografia de Asa Branca, lendário locutor de rodeios, interpretado por Felipe Simas. Dirigido por Guga Sander, o filme, nas telas a partir da quinta-feira, 18, narra sua trajetória de sucesso nas arenas, seus excessos pessoais e sua luta contra problemas de saúde.

"Anaconda"

Inspirada no filme "Anaconda" de 1997, esta comédia, que estreia no dia 25, conta a história de um diretor (Jack Black) que quer recriar o longa. Ele convoca um ator (papel de Paul Rudd) para ser seu braço-direito. Com o elenco, eles partem para a Amazônia, onde contam com a ajuda de um guia brasileiro, Selton Mello.

"Valor Sentimental"

Filme de Joachim Trier que explora laços familiares marcados por silêncios, frustrações e afetos não resolvidos. No elenco, estão Renate Reinsve, Stellan Skarsgård e Elle Fanning. Estreia dia 25.



Destaques do streaming

"Como treinar seu dragão"

Adaptação em live action da história conhecida como animação. Um jovem viking (Mason Thames) forma uma amizade com um dragão, Banguela, e transforma sua vida e a relação entre humanos e dragões. A partir do dia 22.

Prime Video



"Aztec Batman: Clash of Empires"

Em um universo alternativo, Batman enfrenta inimigos no mundo asteca, onde mitologia e tecnologia se encontram. O herói precisa usar suas habilidades para impedir uma conspiração que ameaça destruir o império.

Estreia no dia 22.

HBO Max



"The Voice Brasil"

A fase final do reality show, em novo modelo, com exibição no SBT e no Disney+, promete apresentações emocionantes. Apresentada por Tiago Leifert, a decisão será no dia 22.

Disney+



"NFL Christmas Gameday"

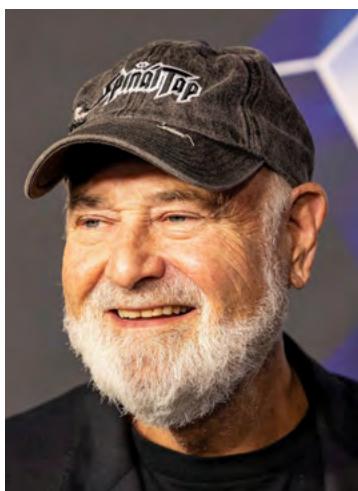
A NFL volta a organizar um evento no Natal, com dois jogos. A transmissão começa às 15h (horário de Brasília), com show de Kelly Clarkson. Na sequência, Dallas Cowboys e Washington Commanders se enfrentam. Às 18h30, jogam Detroit Lions x Minnesota Vikings.

Netflix



Tragédia familiar

O cineasta Rob Reiner perde a vida, aos 78 anos. Seu filho é suspeito de matar o pai e a mãe, a fotógrafa Michele Singer Reiner, 70 anos



Rob Reiner tinha “Conta Comigo” como uma de suas obras mais queridas

AUDE GUERGUIC/REUTERS

Hollywood está em choque com a morte do ator e diretor Rob Reiner, de 78 anos, responsável por sucessos como “Conta Comigo” (1986), “Harry & Sally – Feitos um para o Outro” (1989), “Louca Obsessão” (1990) e “Questão de Honra” (1992). O cineasta foi morto no domingo, 14, junto da esposa, a fotógrafa Michele Singer Reiner, 70 anos. Eles foram assassinados a facadas na residência do casal em Los Angeles.

No mesmo dia, a polícia prendeu o suspeito do crime, o filho do casal, Nick Reiner, 32 anos. Ele foi capturado em um hotel. Nick tem histórico de problemas causados por dependência química, tendo passado por diversas clínicas de reabilitação. Seu quadro ficou grave a ponto de viver nas ruas por um tempo. No dia anterior ao assassinato, segundo o TMZ, Reiner e seu filho teriam discutido em uma festa de Natal do apresentador Conan O’Brien.

Três meses antes da tragédia, o cineasta participou do programa de Piers Morgan. Lá, ele respondeu por qual filme gostaria de ser lembrado. A resposta foi “Conta Comigo”, adaptação da obra de Stephen King. “Esse foi o filme que mais significou para mim, porque é realmente uma extensão da minha personalidade e minha sensibilidade. Tem uma mistura de amor, melancolia e emoção... É o de que mais gosto entre todos”, afirmou.

Filho do comediante Carl Reiner, Rob foi criado em ambiente artístico. Estudou cinema na UCLA. Nos anos 1960, atuou em pequenos papéis na TV e no cinema e trabalhou como roteirista. O primeiro filme que dirigiu foi “This Is Spinal Tap” (1984), um falso documentário (mockumentary) em que aborda a turnê da fictícia banda britânica de heavy metal Spinal Tap pelos EUA. Não conquistou um Oscar, mas Kathy Bates, que dirigiu em “Louca Obsessão”, levou a estatueta de Melhor Atriz em 1980. ■

Legado nas telas

Diretora Joyce Prado morre aos 38 anos e deixa legado de valorização da cultura afro-brasileira

Importante referência do audiovisual negro do país, a diretora Joyce Prado morreu aos 38 anos na quinta-feira, 11. Entre suas obras, destaca-se o documentário “Chico Rei Entre Nós” (2020), que revisita a história de um rei congolês escravizado e sua luta por liberdade. É uma das fundadoras da Apan (Associação de Profissionais do Audiovisual Negro), em 2016. A causa da morte não foi divulgada.

A cineasta fundou a Oxalá Produções, focada em conteúdos sobre a cultura e comunidade afro-brasileira e diáspórica. Em 2023, Joyce assinou a direção da série documental “Ancestralidades” pelo canal Arte1, onde investigou a cena contemporânea das artes negras. Recentemente, fez parte da equipe de roteiro e direção da série “The Beat Diáspora” (2022), disponível no canal Kondzilla. O trabalho foca em ritmos musicais periféricos que estão dominando a cultura pop.

Seu primeiro longa, “Chico Rei entre Nós”, foi premiado como Melhor Documentário Nacional pela escolha do público na 44ª Mostra Internacional de São Paulo. Dirigiu e roteirizou “Memórias de Um Corpo no Mundo”, documentário musical de 2018 sobre a primeira turnê nacional de Luedji Luna. Também dirigiu videoclipes da cantora: “Acalanto”, “Notícias de Salvador”, “Banho de Folhas”, “Um Corpo no Mundo” e, mais recentemente, “Bom Mesmo é Estar Debaixo D’Água” (álbum visual e clipe).

Joyce participou do Conselho Superior do Cinema. Nas redes sociais, a ministra da Cultura, Margareth Menezes, lamentou a morte da cineasta e relembrhou a parceria das duas no clipe “Terra Aféfê”, em 2022. A ministra afirmou que o audiovisual brasileiro perde um talento precoce.

A Apan disse, em comunicado, que a trajetória de Joyce “deixa um legado inestimável para o setor, para a comunidade do entorno e a família”. ■



Joyce dirigiu “Chico Rei Entre Nós”, que se destacou na 44ª Mostra de SP

ACERVO PESSOAL

Ventos fortes

A queda de uma estátua da Havan por um vendaval e o cancelamento de show de Zezé di Camargo após uma fala controversa, mais a interrupção da transmissão ao vivo das missas do padre Júlio, agitaram as redes de IstoÉ.

Estátua ao chão

Um forte temporal com rajadas intensas de vento atingiu a região metropolitana de Porto Alegre na segunda-feira, 15, causando transtornos em várias cidades, como quedas de árvores e interrupções no fornecimento de energia. Em Guaíba, uma réplica da Estátua da Liberdade, instalada pela rede Havan no estacionamento da loja, foi derrubada. A estrutura, que mede cerca de 24 metros de altura, não resistiu aos ventos e tombou completamente.



● 1,4 mi ❤ 27 mil



O corante de alimentos extraído de inseto

O tom vermelho brilhante de muitos alimentos pode vir de insetos, mostrou o Minuto Saúde. O carmim de coquinho é um corante usado pela indústria alimentícia, farmacêutica e cosmética. Ele é extraído a partir da coquinho, quando o inseto é esmagado e processado. Em pessoas sensíveis, o carmim pode causar reações alérgicas, como urticária, asma e até anafilaxia.



● 355 mil ❤ 4,9 mil

Padre Júlio Lancelotti offline

Dom Odilo Scherer, cardeal arcebispo de São Paulo, decidiu que o padre Júlio Lancelotti não poderá mais fazer transmissões ao vivo das missas que celebra aos domingos. Ele também não poderá atualizar suas redes sociais por um tempo. Circulava o boato de que Lancelotti seria retirado da paróquia São Miguel Arcanjo, na Mooca, em São Paulo. Mas isso foi desmentido. No domingo, 14, na transmissão da missa pelo YouTube, o padre comunicou a interrupção do ao vivo. Agora, quem quiser acompanhá-la só conseguirá se estiver presente.



● 404 mil ❤ 9,8 mil

Zezé Di Camargo cancelado

A prefeitura de São José do Egito, sertão de Pernambuco, cancelou o show que Zezé Di Camargo faria com verba federal no dia 4 de janeiro, como parte da Festa de Reis. A medida foi tomada após o cantor criticar o SBT que lançou o SBT News com a presença do presidente Lula e do ministro Alexandre de Moraes, do STF. Zezé pediu que seu especial de Natal na emissora não fosse exibido. Seus comentários, com expressões ofensivas às filhas de Silvio Santos, repercutiram.



● 127 mil ❤ 3,5 mil

www.istoe.com.br

Instagram: www.instagram.com/revistaistoe/

TikTok: www.tiktok.com/@revistaistoe

LinkedIn: www.linkedin.com/company/istoe

YouTube: youtube.com/@revistaISTOE

Facebook: www.facebook.com/istoeinheiro

X: x.com/istoe

Palavra por palavra



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

"Quando me dou uma folga, não consigo desligar essa vontade de levantar e fazer mil coisas no dia. Consigo descobrir formas de relaxar, mas nunca vou ser uma pessoa sossegada"

Taylor Swift, cantora, sobre ser workaholic, no programa The Late Show, do apresentador Stephen Colbert

"Eu tenho a intenção de colaborar com a campanha do presidente Lula, e disse isso a ele, que eu não pretendo ser candidato em 2026, mas quero dar uma contribuição para pensar o programa de governo, para pensar como estruturar a campanha dele"

Fernando Haddad, ministro da Fazenda, em entrevista ao jornal O Globo sobre os planos para 2026

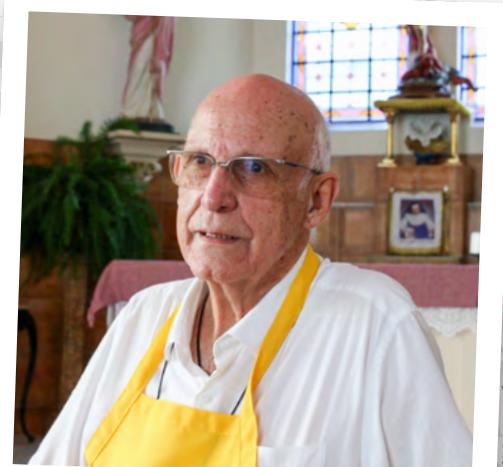
FÁBIO RODRIGUES/POZZOBOM/AGÊNCIA BRASIL



CRISTINA SUE/REUTERS

"Enquanto os talibãs continuarem sendo uma realidade no Afeganistão, não podemos perder tempo sem fazer nada. Tenho tentado facilitar conversas entre o COI e aqueles que estão atualmente no poder, com foco nos direitos esportivos de mulheres e meninas, e particularmente de meninas do ensino fundamental que ainda estão no Afeganistão"

Samira Asghari, integrante afegã do Comitê Olímpico Internacional, a primeira de seu país a fazer parte do COI, em 2018; aos 31 anos, ela vive exilada



ROVENA ROSA/AGÊNCIA BRASIL

"Dom Odilo me pediu para dar um tempo. Ele acha que é uma forma de recolhimento e de proteção"

Padre Júlio Lancellotti, sobre a decisão do cardeal arcebispo de São Paulo Dom Odilo Scherer de suspender a transmissão ao vivo das missas que ele celebra aos domingos e sobre a pausa que fará nas redes sociais; porém, as missas presenciais estão mantidas

"O povo sul-americano grita liberdade. Basta de socialismo empobrecedor"

Javier Milei, presidente argentino, no Instagram, um dia após a vitória de José Antonio Kast, candidato de direita, nas eleições presidenciais do Chile. Uma ilustração mostra um mapa da América do Sul em que Brasil, Colômbia, Uruguai e Venezuela são retratados como uma grande favela. Argentina, Chile e Paraguai aparecem como regiões modernas e desenvolvidas



UN WOMEN/RYAN BROWN

Paixão sobre rodas.



MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

